



**um
descaminho
estético:**

**a arquitetura dos
edifícios multifamiliares
no recife contemporâneo**

isadora bachmann | recife, 2021

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ISADORA MELO BRADLEY BACHMANN

UM DESCAMINHO ESTÉTICO:
A ARQUITETURA DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES NO
RECIFE CONTEMPORÂNEO

Recife
2021

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

B124d Bachmann, Isadora Melo Bradley.
Um descaminho estético: a arquitetura dos edifícios
multifamiliares no Recife contemporâneo / Isadora Melo Bradley
Bachmann. - Recife, 2021.
99 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Arquitetura e
Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2021.
Inclui bibliografia.

1. Edificações multifamiliares modernistas. 2. Edificações
multifamiliares contemporâneas. 3. Mercado imobiliário. 4.
Estética. I. Valadares, Pedro Henrique Cabral. II. Faculdade Damas da
Instrução Cristã. III. Título.

72 CDU (22. ed.)

FADIC (2021.2-037)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Isadora Melo Bradley Bachmann

UM DESCAMINHO ESTÉTICO:
A ARQUITETURA DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES NO
RECIFE CONTEMPORÂNEO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência
parcial para Graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo,
sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares.

Recife

2021

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ISADORA MELO BRADLEY BACHMANN

UM DESCAMINHO ESTÉTICO:

a arquitetura dos edifícios multifamiliares no Recife contemporâneo

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para
Graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Prof.
Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares.

Aprovada em 17 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Pedro Henrique Cabral Valadares
Orientador /Faculdade Damas (FADIC)

Profa. Gisele Melo de Carvalho
Primeira examinadora/Faculdade Damas (FADIC)

Tyana de Miranda Lemos
Segunda examinadora/Arquiteta e urbanista (3Urbanização)

Recife
2021

Em memória do meu querido avô Júlio Jacinto,
que não possuía a erudição das letras, mas
que carregava consigo a sabedoria da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu pai e ombro amigo que sempre se fez presente em minhas escolhas.

A minha mãe Ivana e irmã Sophie, que me ouviram falar incansavelmente sobre o tema e que foram compreensivas comigo em todo o caminho trilhado até aqui.

A minha avó, Dona Menininha, pelo apoio financeiro, pelo cuidado e pelas orações diárias que me permitiram continuar essa jornada.

Ao meu tio Luiz Cordeiro, quem primeiro me abriu as portas no Recife, quem primeiro me acolheu e sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos.

Em especial à Dona Marinete, parceira e confidente dos meus primeiros anos aqui.

Ao pessoal de casa, Tia Ivoneide, Tio Rodrigo, Juju e João Vitor, o carinho sempre.

Aos meus queridos tios Luna e Patrícia, e primos Eduarda e Pedro que sempre souberam da minha escolha antes mesmo que eu a fizesse.

A minha Dinda, Eduarda, minha afilhada Maria Elisa e aos meus queridos João e Tio Tony, pelo apoio, pela compreensão e pelo carinho.

Ao meu padrinho Gunther, que tanto apoiou e incentivou meus sonhos artísticos na infância e que continua sonhando junto comigo.

A Faculdade Damas e todo o corpo de professores e funcionários que me acolheram da melhor maneira possível e depositaram sua confiança em mim; em especial à equipe de assistência social e ao PROUNI, que tornaram possível a minha formação.

A cantina saborear, que foi cenário de tantas lamentações, trabalhos, discussões e boas histórias entre a turma e entre os professores.

De modo singular, agradeço ao meu orientador Pedro Valadares, pelas risadas trocadas, pelo conhecimento plantado e colhido, pela confiança em mim depositada, pelos puxões de orelha e pela oportunidade de compartilhar tantas experiências nesses anos.

Aos amigos da turma – e todos os que passaram de alguma maneira pelo grupo – pelos anos e experiências diárias compartilhadas, pelas divagações filosóficas e arquitetônicas, pelas alegrias e tristezas que carregamos juntos ao longo desses cinco anos de curso.

A Equipe Dubeux Vasconcelos Arquitetura, que me incentivou, me acalmou, me divertiu e me deu forças para chegar até aqui. Em particular a João e Luiz, a compreensão e paciência pelas turbulências do caminho e pela confiança depositada nas minhas escolhas profissionais.

Aos meus amigos de Garanhuns, em especial Sophia e sua família, que souberam compreender minha ausência e sempre se mantiveram presentes.

A Fabiana Borges, quem me proporcionou o primeiro passo para que estivesse aqui.

Aos meus amigos do Colégio Damas, o apoio, o incentivo e a admiração.

De maneira especial, aos meus amigos Alisson, Lucas e Millena, pelas palavras, pelo apoio, pelos memes, pelas risadas e por tudo que compartilhamos juntos nesses dois semestres de orientações semanais de desenvolvimento da pesquisa.

A pequenina Naomi, companheira fiel dos dias em frente ao computador.

A meu querido Aurélio, meu segundo pai, o cuidado e o carinho de sempre.

Ao meu psicólogo Sérgio, auxílio dos momentos de ansiedade e do processo de autoconhecimento.

A Helena Costa, o carinho e dedicação.

Aos vizinhos do Rosa Azul, o incentivo e os momentos de distração necessários que fizeram a passagem desses dias se tornarem mais leves, em especial a Carmem, Lucas e Haroldo, parceiros de conversas e donos dos melhores abraços.

A Telles, tio que virou amigo e com quem tenho a oportunidade de aprender, sempre.

A Almerinda e sua família, o acolhimento e o abrigo quando precisei, a ajuda e incentivo de sempre.

A Leonardo e Marcela, Tio Jorge e Priscila, pelo apoio, pelas caronas, pelas mudanças, pelas viagens, pelo afago e pela amizade.

Carol e Pedro, meus compadres e amigos, pelas parcerias e pelo carinho.

A Irmã Eliane, Caio Melo e família, o suporte, o acolhimento, a paciência e compreensão de todos esses anos.

A Robson, pela delicadeza e respeito.

A Sui, pela sinceridade, pela confiança e pelo bem-querer.

A querida professora Gilma, a bagagem compartilhada, por enxergar as dores e as flores que eu carregava em mim e por todo carinho.

E a todos aqueles amigos e familiares que de alguma maneira participaram da minha jornada.

RESUMO

O trabalho explana algumas edificações multifamiliares modernistas e contemporâneas, localizadas em sua grande maioria na cidade do Recife, salvo algumas exceções locadas nas cidades limítrofes. Ambas as edificações tiveram as soluções funcionais e estéticas especificadas para que o objeto da pesquisa, o descaminho estético da produção arquitetônica do Recife fosse identificado. Partindo da hipótese de que a pressão do mercado imobiliário por otimização de custos e prazos da construção e uma tentativa de atender com maior celeridade as demandas por novas habitações, bem como as mudanças nas legislações e a demanda exigida pelos usuários, foram fatores que modificaram os rumos da estética que se observa hoje na cidade. A hipótese pode ser comprovada ao longo do texto com as diversas explanações.

Palavras-chave: edificações multifamiliares modernistas; edificações multifamiliares contemporâneas; mercado imobiliário; estética.

ABSTRACT

The paper explores some modernist and contemporary multifamily buildings, mostly located in the city of Recife, with a few exceptions located in the neighboring cities. Both buildings had their functional and aesthetic solutions specified in order to identify the object of the research, the aesthetic drift of architectural production in Recife. Starting from the hypothesis that the pressure of the real estate market for optimization of costs and construction deadlines and an attempt to meet the demands for new dwellings more quickly, as well as changes in legislation and the demands of the users, were factors that changed the course of the aesthetics that can be observed today in the city. The hypothesis can be proven throughout the text with the various explanations.

Keywords: modernist multifamily buildings; contemporary multifamily buildings; real estate market; aesthetics.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Edifício Wainwright, 1891 – Adler e
- Figura 2 – Villa Savoye, 1931. Le Corbusier. França.
- Figura 3 – Pavilhão Alemão, 1928. Ludwig Mies van der Rohe. Barcelona.
- Figura 4 – Projeto de Fachada – Casa de Warchavchik. 1929. São Paulo
- Figura 5 – Fachada Frontal – Casa de Warchavchik, 1929. São Paulo
- Figura 6 – Edf. Martinelli, 1929 – Giuseppe Martinelli. São Paulo
- Figura 7 – Edf. Joseph Gire/ A Noite, 1929 – Joseph Gire. Rio de Janeiro
- Figura 8 – Hotel Central, 1928 – Bairro da Boa Vista, Recife.
- Figura 9 – Edifício do Ministério da Educação e Saúde, 1936 – Lúcio Costa e equipe. Rio de Janeiro.
- Figura 10 – Associação Brasileira de Imprensa, 1935 – MMM Roberto. Rio de Janeiro.
- Figura 11 – Edifício Esther, 1934 – Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho. São Paulo
- Figura 12 – Ed. Inconfidência, 1942 – Carlos Frederico Ferreira. Bairro de São José. Recife.
- Figura 13 – Parque Guinle, 1943 – Lúcio Costa. Rio de Janeiro
- Figura 14 – Pedregulho, 1947 – Affonso Eduardo Reidy. Rio de Janeiro
- Figura 15 – Esquema estrutura Escola Rural Alberto Torres, 1936 – Luiz Nunes. Recife.
- Figura 16 – Estrutura caixa d'água, 1934 – Luiz Nunes. Olinda.
- Figura 17 – Caixa d'água, 1934 – Luiz Nunes. Olinda.

Figura 18 - IAB-PE, 1937 - Luiz Nunes e Fernando Saturnino de Brito. Bairro do Derby. Recife.

Figura 19 - Secretaria da Fazenda, 1939 - Fernando Saturnino de Britto. Bairro de São José. Recife.

Figura 20 - Hall de entrada bloco A- Edf. União, 1953 - Borsoi. Bairro da Boa Vista. Recife.

Figura 21 - Fachada Edf. União, 1953 - Borsoi. Bairro da Boa Vista. Recife.

Figura 22 - pilares em V, Edf. União, 1953 - Borsoi. Bairro da Boa Vista. Recife.

Figura 23 - Fachada - Edf. União, 1953 - Borsoi. Bairro da Boa Vista. Recife.

Figura 24 - Edf. California, 1953 - Borsoi. Boa Viagem, Recife.

Figura 25 - Edf. California, 1953 - Borsoi. Boa Viagem, Recife.

Figura 26 - Edifício Acaiaca, 1957 - Amorim. Boa Viagem, Recife.

Figura 27 - Planta baixa - Edf. Mirage, 1967 - Borsoi. Boa Viagem, Recife. Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012.

Figura 28 - Edf. Mirage, 1967 - Borsoi. Boa Viagem, Recife.

Figura 29 - Catálogo de vendas - Edf. Michelangelo, 1969 - Borsoi. Boa Viagem, Recife.

Figura 30 - Edf. Duque de Bragança, 1970 - Delfim Amorim e Heitor Maia Neto. Derby, Recife.

Figura 31 - Bancos ventilados - Edf. Duque de Bragança, 1970 - Delfim Amorim e Heitor Maia Neto. Derby, Recife.

Figura 32 - Edf. Sparta, 1972 - Jerônimo e Pontual. Jaboatão dos Guararapes.

Figura 33 - Edf. Tiberius, 1975 - Alexandre Castro e Silva. Jaboatão dos Guararapes.

Figura 34 - Edf. Itaoca, 1976 - Dinauro Esteves e Luiz Priori. Parnamirim, Recife.

Figura 35 - Edf. Villa Marianna, 1976 - Wandenkolk Tinoco. Parnamirim, Recife.

Figura 36 - Edf. Villa Cristina, 1978 - Wandenkolk Tinoco. Espinheiro, Recife.

Figura 37 - Edf. Aquarela, 1979 - Roberto Soares. Boa Viagem, Recife.

Figura 38 - Edf. Rembrandt, 1980 - Borsoi. Boa viagem, Recife.

Figura 39 - Edf. Debret, 1979- Borsoi. Boa viagem, Recife.

Figura 40 - Edf. Casa Alta, 1988 - Jerônimo e Pontual. Boa viagem, Recife.

Figura 41 - Edf. Casa Alta, 1988 - Jerônimo e Pontual. Boa viagem, Recife.

Figura 42 - Praia de Boa Viagem - anos 1960

Figura 43 - Edf. Araguaia, 1961 - Amorim. Derby, Recife.

Figura 44 - Corte - Edf. Araguaia, 1961 - Amorim. Derby, Recife

Figura 45- Edf. Nossa senhora do Sameiro, 1970. Graças, Recife.

Figura 46 - Conjunto Inez Andreazza, 1979 - Borsoi. Areias, Recife.

Figura 47 - Conjunto Inez Andreazza, 1979 - Borsoi. Areias, Recife.

Figura 48 - Malha Avenida Boa Viagem

Figura 49 -Centro Empresarial Previnor, 1985 - Fernando Peixoto. Bahia.

Figura 50 - Residencial Mansão Francisco de Sá, 1993 - Fernando Peixoto. Bahia.

Figura 51 - Museu de Mineralogia, 1992 - Éolo Maia. Belo Horizonte

Figura 52 -Conjunto de condomínios, Barra da Tijuca - RJ

Figura 53 - Propaganda Encol

Figura 54 - Exemplo 01 - Área e perímetro

Figura 55 - Edf. Acácia, 1985 - Torre, Recife.

Figura 56 - Edf. Studio Parque Prince, 1999 - Pontual Arquitetos. Graças, Recife.

Figura 57 - Edf. Millenium, 2001 - Pontual. Boa Viagem, Recife.

Figura 58 - Edf. Morada Real da Torre, 2010 - Torre, Recife.

Figura 59 - Edf. Maria Satye, 2013 - Gabriel Barcelar. Boa Viagem, Recife.

Figura 60 - Edf. Privilege Jaqueira, 2018 - Pontual. Tamarineira, Recife.

Figura 61 - Edf. Jaqueira Park, 2013 - Queiroz Galvão. Graças Recife.

Figura 62 - Edf. Villa Cristina, 1978 - Wandenkolk Tinoco. Espinheiro, Recife.

Figura 63 - Brises/jardim - Edf. Villa Mariana, 1976 - Wandenkolk Tinoco. Tamarineira, Recife.

Figura 64 - Edf. Villa Mariana, 1976 - Wandenkolk Tinoco. Tamarineira, Recife.

Figura 65 - Edf. Maria Augusta, 1979 - Graças, Recife.

Figura 66 - Fachada Principe de Gales, 1991 - Parnamirim, Recife.

Figura 67 - Edf. Barão do Pirangi, 2007 - Graças, Recife.

Figura 68 - Planta baixa: Edf. Privilege Jaqueira

Figura 69 - PB: Edf. Barão do Rio Branco

Figura 70 - Edf. Bouganville

Figura 71 - Edifício União - Escada

Figura 72 - Av. Boa Viagem entre nº 2486 e nº 2682

Figura 73 - Vista do bairro da Torre/Madalena

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. ARQUITETURA MODERNA.....	21
2.1. Origens e características	21
2.2. Os edifícios multifamiliares	34
3. ARQUITETURA MODERNA NO RECIFE	39
3.1. Os edifícios multifamiliares no Recife.....	44
3.2. Mercado imobiliário no contexto modernista	60
3.3. A legislação no modernismo.....	66
4. ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO RECIFE	68
4.1. Os edifícios Multifamiliares no Recife	74
4.2. As demandas e interesses do mercado imobiliário.....	79
5. ESTUDO COMPARATIVO: MODERNIDADE X ATUALIDADE	80
5.1. Arranjos funcionais e estéticos.....	80
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91

1. INTRODUÇÃO

O primórdio da arquitetura moderna em Pernambuco se dá ainda com o Legado de Luiz Nunes tendo em vista principalmente o alcance internacional que sua arquitetura obteve com publicações em revistas como Rino Levo (*L'Architecture d'Aujourd'hui*, 1947), onde fora realizada uma publicação sobre a Caixa D'água de Olinda (NASLAVSKY, 2012). Apesar disso, é com Delfim Amorim e Acácio Gil Borsoi que há, segundo Bruand (2018), a renovação da arquitetura em Recife. É possível afirmar que isso se deu também porque os arquitetos além da enorme produção e destreza com os materiais, também multiplicavam seu legado ensinando na Escola de Belas Artes de Pernambuco (Eba) e na Faculdade de Arquitetura (NASLAVSKY, 2012). É importante ressaltar, ainda, que Borsoi e Delfim foram possuidores de uma enorme parcela de edifícios multifamiliares na cidade, e as mais diversas técnicas, soluções e criatividade eram desenvolvidas e particularizadas em cada edificação mesmo sob os mesmos aspectos.

No entanto, a partir dos anos 1990, os novos edifícios multifamiliares no Recife passaram a, cada vez mais, dispor de características funcionais e plásticas padronizadas, gerando uma uniformização que não era desejável pelos arquitetos no auge da arquitetura moderna na cidade. Dessa forma, se faz necessário analisar quais foram os fatores que teriam ocasionado a renúncia dos arranjos estéticos e funcionais modernistas na concepção das edificações multifamiliares contemporâneas no Recife-PE. A hipótese que levou a esse feito foram não só as pressões do mercado imobiliário por otimização de

custos da construção e uma tentativa de atender com maior celeridade as demandas por novas habitações, como também as mudanças na legislação e a demanda exigida pelos usuários.

Diante disso, buscou-se conceber através de projetos de arquitetos como Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim, Heitor Maia Neto, Alexandre Castro e Silva, Wandenkolk Tinoco, Dinauro Esteves, Roberto Soares e Jerônimo e Pontual, o universo estético da arquitetura modernista multifamiliar, dentro do seu devido contexto histórico; bem como compreender o conjunto estético que permeia a arquitetura contemporânea através de empreendimentos de grandes construtoras e incorporadoras como a Moura Dubeux, a Gabriel Bacelar, entre outros. À vista disso, têm-se como objeto de estudo o descaminho estético que rumou a arquitetura de edifícios multifamiliares no Recife.

O objetivo geral da pesquisa é investigar a participação do mercado imobiliário e de outros possíveis fatores que teriam ocasionado a simplificação e a padronização de arranjos programáticos e plásticos nos edifícios multifamiliares do Recife, em detrimento dos avanços estéticos e funcionais desenvolvidos na arquitetura moderna da cidade.

Os objetivos específicos são: compreender as soluções funcionais e estéticas desenvolvidas pelos arquitetos modernistas para edifícios multifamiliares sobretudo os do Recife; analisar as exigências do mercado imobiliário e a demanda dos usuários no período modernista e na contemporaneidade; averiguar a influência do mercado imobiliário e

possíveis legislações sobre a criação do arquiteto e entender as diferenças estético-funcionais da arquitetura moderna e contemporânea.

Embora exista uma enorme quantidade de pesquisas e publicações sobre a arquitetura moderna, seu impacto, sua importância e contribuição, percebe-se que ao findar de seu período, no começo da arquitetura pós-moderna brasileira o conteúdo escrito e publicado aparece num volume bem menor, o que reflete também na arquitetura contemporânea. Portanto, além de buscar compreender a não proposição de soluções funcionais e estéticas consagradas na Arquitetura Moderna, e investigar o aparentemente padrão estético pré-definido e amplamente replicado na arquitetura contemporânea do Recife, busca-se também preencher a lacuna ora encontrada no âmbito dos rumos estéticos que tomaram os edifícios multifamiliares contemporâneos.

Para tal, toma-se como base teórica BASTOS e ZEIN (2015), conceitos de arquitetura por Lúcio Costa; o entendimento da arquitetura moderna e seus elementos compositivos; BATISTA (2020), com análises de edificações modernistas, BENÉVOLO (1976), com BRUAND (2018), conceitos de arquitetura por Lúcio Costa; o entendimento da arquitetura moderna e seus elementos compositivos e a importância de Luiz Nunes; BORSOI (2006), a visão e a produção do arquiteto modernista; DURANTE (2015), MENDES, VERÍSSIMO E BITTAR (2015), história da arquitetura moderna brasileira e seu contexto histórico e social e NASLAVSKY (2012), arquitetura moderna no Recife, conceitos, desenvolvimento e produção.

A pesquisa teve como método de abordagem o hipotético dedutivo, como método de procedimento, os métodos histórico e comparativo e como técnicas de pesquisas, a consulta documental, com coleta e análise de imagens e desenhos de edificações contemporâneas e modernistas e entrevista com autor estratégico.

O trabalho está estruturado em seis capítulos. O primeiro, introdução e breve contextualização e justificativas sobre a pesquisa. O segundo explana o referencial teórico buscando compreender a nível global o surgimento da edificação vertical moderna. O terceiro capítulo trata da arquitetura moderna no Recife, composto por três subcapítulos nos quais aborda os edifícios multifamiliares, os interesses, as demandas e as necessidades do mercado e a legislação no período modernista, respectivamente. O quarto capítulo é composto pela arquitetura contemporânea e suas respectivas necessidades. No quinto capítulo é desenvolvido um estudo comparativo sobre os arranjos funcionais e estéticos explicitados nos capítulos três e quatro, com as considerações finais da pesquisa sexto e último capítulo.

2. ARQUITETURA MODERNA

2.1. Origens e características

É possível afirmar que o embrião da verticalização da arquitetura moderna do século XX é situada na cidade americana de Chicago, cujos primeiros exemplares foram construídos ainda no final do século XIX.

A cidade de Chicago se desenvolveu sobre uma vasta malha quadricular e edificada com construções predominantemente de madeira. O material é utilizado sob uma técnica denominada de balloon frame criada provavelmente por George Washington Snow (1797-1870), empresário e comerciante de madeiras, como afirma Benevólo (1976). Após um incêndio sofrido em 1871 que destruiu parte da cidade, o

receio do uso de um material tão condutor das chamas, como a madeira, resultou numa busca por novos materiais construtivos não combustíveis e mais seguros. Após o acidente, Chicago já não se encontrava no destino de grandes investidores, até que, como forma de conquistar novamente o desenvolvimento econômico e mostrar o progresso e evolução, a cidade passou a se verticalizar e um dos grandes responsáveis por esse processo foi o engenheiro Le Baron Jenney, dirigente da construção do primeiro edifício alto de estrutura metálica (BENEVOLO, 1976) possibilitando a multiplicação da lâmina do edifício tanto quanto fosse possível ou

necessário. A possibilidade de uma transformação profunda no cenário arquitetônico tradicional através dos chamados arranha-céus, cria a chamada Escola de Chicago, a alavanca do pensamento moderno.

Vistas sob essa luz, as experiências da escola de Chicago são uma contribuição importante para a formação do movimento moderno; porém, os resultados tão promissores atingidos no penúltimo decênio do século são logo depois dispersados, porque nenhum dos protagonistas possui uma consciência nítida dos problemas abordados. Cada um deles bloqueia-se em um dilema cultural que possui apenas duas saídas: ou a volta do conformismo dos estilos históricos (é o caminho de Burnham), ou experiência individual de vanguarda (é o caminho de Sullivan e, mais tarde, o de Wright). (BENÉVOLO, 1976, p. 236)

Foi somente no século XX onde foram aprofundadas as discussões sobre o fazer e pensar a arte, a arquitetura, a

política e a sociedade. Esse movimento se deu principalmente como consequência dos desenvolvimentos tecnológicos do século XIX, decorrentes da Revolução Industrial, onde houve bruscas mudanças no corpo social com o êxodo rural, as formas de produção, do artesanal para o mecânico, metódico e em larga escala; e na arquitetura, o desenvolvimento de novas tecnologias construtivas e novas composições estéticas.

Neste contexto, Louis Henry Sullivan, que trabalhou seis meses com Le Baron Jenney e anos depois fundou uma sociedade com o arquiteto Dankmar Adler, onde contribuiu enormemente para a produção da verticalidade de Chicago e desenvolveu diretrizes consideradas ideais para um arranha-céu. Sullivan dizia que os edifícios deveriam destinar

os primeiros pavimentos às mordias e ao acesso dos pavimentos superiores, o seu corpo, com um determinado número de pavimentos, destinados a escritórios e o piso superior abrigando a parte técnica do edifício. “Nasce assim, o Verticalismo, típico dos arranha-céus de Sullivan” (DURANTE, 2015 n.p.).

Em uma de suas produções, o Edifício Wainwright, é evidente a divisão dos três setores – ou funções – da construção. Tal qual a uma coluna clássica tripartida, com base, fuste e capitel (Figura 1).

Foi durante o processo de desenvolvimento desse projeto que Sullivan ilustra sua teoria com uma célebre frase que tornar-se-ia um dos lemas do modernismo: “a Forma segue a Função” (SULLIVAN, 2009).



Figura 1 – Edifício Wainwright, 1891 – Adler e Sullivan. Chicago, Illinois – EUA
Fonte: Zbaren ([20--], n.p.)

Esse movimento arquitetônico, denominado de modernismo, carrega nomes como Le Corbusier, Mies van der Rohe, Walter Gropius e a escola da Bauhaus.

Le Corbusier tinha como principal preocupação a utilização dos espaços pelas pessoas, quais seriam seus usos e suas relações de proporções tanto na arquitetura quanto no urbanismo. Com isso, o arquiteto conseguiu desenvolver cinco pontos em sua arquitetura de modo que se tornariam princípios amplamente utilizados em todo o mundo, seriam eles a fachada livre, sem vedações e divisórias estruturais para que pudesse conferir uma maior liberdade projetual; as janelas em fita, esquadrias que poderiam percorrer o perímetro da edificação ou que fossem predominantemente horizontais, concedendo mais iluminação aos ambientes; o sistema de pilotis, em que eram substituídas as paredes estruturais do térreo para a criação de vãos livres e espaços

abertos e/ou públicos para circulação de pessoas; o terraço jardim, normalmente cobertas destinadas ao lazer dos usuários; e a planta livre, paredes não estruturais que possibilitam a conversão dos espaços. Esses princípios podem ser observados na **Figura 2**, a Villa Savoye, localizada na França.



Figura 2 - Villa Savoye, 1931. Le Corbusier. França.
Fonte: CAU-PA (2016, n.p)

Com sua trajetória marcada pelo minimalismo, como é possível elucidar sua solene frase: menos é mais, o alemão Ludwig Mies van der Rohe, também pioneiro na arquitetura moderna ao lado de Le Corbusier, colaborou com a consolidação do estilo moderno irrigando luz aos seus projetos através de grandes



Figura 3 - Pavilhão Alemão, 1928. Ludwig Mies van der Rohe. Barcelona.

Fonte: Barros (2018, n.p.)

aberturas e o extenso uso do vidro temperado. Ilustrando seu perfil, o Pavilhão Alemão da Exposição Internacional de Barcelona, construído em 1929, desmontado em 1930 e reconstruído nos anos 1980, é a essência do estilo de Mies, com sua planta livre, estrutura independente, fachadas recobertas com panos de vidro, a ausência de ornamentação e utilização de septos para delimitação de espaços (**Figura 3**).

Sob a influência de Le Corbusier, Mies van der Rohe e outros arquitetos, surge a escola Bauhaus. A instituição que combinava arquitetura, artes, design e tecnologia, propalou o pensamento moderno através dos jovens estudantes e profissionais. Coordenada por Walter Gropius, a Bauhaus teve pouco tempo de existência devido ao poder nazista crescente no mesmo período, no entanto, isso não impediu com que suas

práticas fossem amplamente difundidas pelo mundo, influenciando consideravelmente a América do Norte, para onde muitos de seus estudantes e professores migraram em função dos conflitos militares na Europa, alcançando também a América do Sul, por meio de nomes como Lúcio Costa, Gregori Warchavchik, entre outros.

A discussão de uma mudança artística e arquitetônica brasileira se deu ainda na década de 1910, pelo escritor Oswald de Andrade após tomada de conhecimento do Manifesto de Marinetti¹ e seus princípios futuristas, como afirma Bruand (2018). Esse tema foi desenvolvido e discutido por diversos escritores e autores do período que acabaram por reunir suas ideias e ideais para revolucionar a arte e o pensamento da época. Essas atitudes culminaram na Semana de Arte Moderna realizada no Teatro Municipal, em São Paulo, no ano de 1922, que apesar de não ter gerado nenhuma modificação imediata na sociedade, além do sentimento de estranheza, manteve no inconsciente popular necessidade da mudança. “O mérito de compreender esse fato coube a um jovem arquiteto

¹ O futurismo, criado pelo jornalista e escritor Emilio Filippo Tommaso Marinetti, foi um conceito estético radical para todos os setores da vida cultural, glorificando as guerras, a efervescência da vida moderna, o fascínio pelas máquinas, fábricas e velocidade. Pregando também a liberdade da palavra, seus representantes exorbitavam frases grosseiras e insultos. Foi um divisor de águas que deu origem à outras teorias e práticas estéticas como o cubismo, surrealismo e dadaísmo.

vindo da Europa e chegando a São Paulo um ano depois da Semana de Arte Moderna: Gregori Warchavchik” (BRUAND, 2018, p. 63)

Warchavchik tinha pretensão de implantar a arquitetura moderna no novo país que lhe abrigava, no entanto, deu de encontro a uma Comissão de Censura que limitava a criação de projetos diferentes do vocabulário tradicional, exigindo que fosse desenvolvida uma arquitetura neocolonial que carregava traços historicistas. Apesar disso, o arquiteto foi estreitando seus laços com pessoas de poder, ganhando prestígio, aproveitando a sua posição e começando a aplicar de forma sucinta alguns preceitos modernistas nas suas obras. Pode-se destacar como sendo a primeira no Brasil, a sua própria casa. No projeto, a fachada principal possuía ainda elementos compositivos historicistas, a exemplo da acentuada simetria, das janelas verticais e das cornijas, sem, no entanto, a ornamentação característica do estilo neocolonial vigente pretendida pela referida comissão (Figura 4).

Apesar disso, o projeto edificado foi diferente. Sem as cercaduras que contornavam as

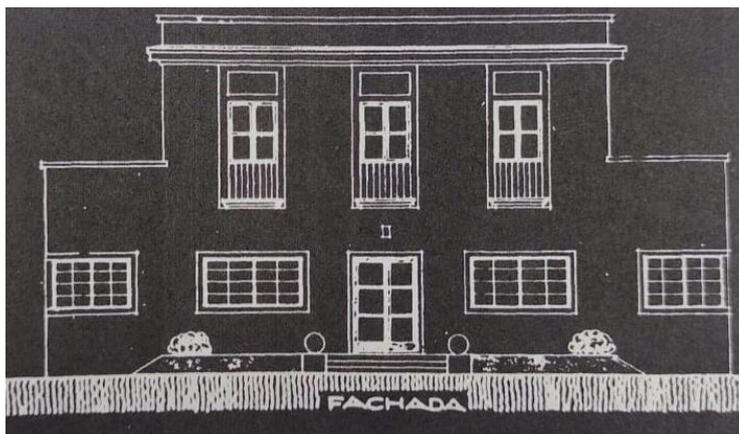


Figura 4 - Projeto de Fachada – Casa de Warchavchik. 1929.
São Paulo
Fonte: Bruand (2018, p. 66)

janelas e sem a marcação horizontal das cimalhas. A adesão de janelas horizontais nas quinas também foram uma revolução quando só eram usadas aberturas estreitas e verticais isoladas. Foi dessa maneira que o nome de Warchavchik passou a ser reconhecido por arquitetos, como Lúcio Costa, que passaram a compartilhar dos mesmos ideais. (Figura 5.)



Figura 5 - Fachada Frontal - Casa de Warchavchik, 1929. São Paulo
Fonte: Bruand, (2018, p. 66)

Seguindo a tendência de verticalização dos centros urbanos, a prática modernista da arquitetura foi se desenvolvendo e atingindo todo tipo de construção, pública, particular, residencial ou comercial. No que tange ao campo de estudo dos edifícios verticais, Pereira (2018) afirma que por volta dos anos 1930, essas construções comportavam, em sua maior parte, tipologias comerciais e empresariais, limitando a tipologia residencial vertical às classes mais baixas com projetos de interesse social e cortiços, fator este que antipatizou com a ideia dessa ocupação em parte da classe média.

Nesse mesmo período, Giuseppe Martinelli, imigrante italiano domiciliado no país desde 1889, estava convicto em erguer em São Paulo o mais prédio mais alto da América

Latina, o Edifício Martinelli. Projetado inicialmente para ter 12 andares, Martinelli foi acrescentando cada vez mais pavimentos à construção, estimulado principalmente, “pela própria população que lhe pedia uma altura cada vez maior – de 12 passou para 14, depois 18 e em 1928 chegou a vinte e quatro” como divulgado no Condomínio Prédio Martinelli (2019). Após algumas complicações legais, tendo em vista que a legislação da época não previra um gabarito de tal porte, a prefeitura através de uma comissão técnica resolveu limitar a altura para 25 pavimentos, intrigando o italiano que nesse momento já pretendia alcançar os 30 andares. A restrição, no entanto, não foi impeditiva para que Martinelli alcançasse o seu objetivo; tal qual



Figura 6 - Edf. Martinelli, 1929 - Giuseppe Martinelli. São Paulo

Fonte: Wilfredor (2014, n.p.)

Gustave Eiffel fizera no topo de sua torre, Giuseppe Martinelli construiu sua nova residência com cinco andares no topo do prédio, tendo sido inaugurado no ano de 1929 (Figura 6).

No mesmo ano era inaugurado no Rio de Janeiro o Edifício Joseph Gire, popularmente conhecido como A noite. Projetada com 22 andares pelo arquiteto francês Joseph Gire, também responsável pelo Hotel Copacabana Palace, juntamente com o brasileiro Elisário Bahiana. A construção foi edificada através da nova tecnologia do concreto armado, e com sua altura e localização privilegiada na Baía de Guanabara, o Edifício A Noite servia de mirante oferecendo uma vista inusitada da cidade carioca (Figura 7). (LUCENA, 2015)



Figura 7 - Edf. Joseph Gire/ A Noite, 1929 – Joseph Gire. Rio de Janeiro
Fonte: Diário do Rio (2015, n.p.)



Figura 8 - Hotel Central, 1928 - Bairro da Boa Vista, Recife.

Fonte: Russel (2021, n.p.)

Na cidade do Recife, a sua verticalização teve como marco o Hotel Central, no Bairro da Boa Vista. O edifício foi inaugurado no ano de 1928 e com seus oito andares, manteve durante muitos anos o posto de edifício mais alto da capital. Contemporâneo ao Hotel, se encontra na Praça da Independência, mais conhecida como a praça do Diário, no Bairro de Santo Antônio, o Arranha-céu da Pracinha com seus sete pavimentos que chamavam a atenção. Este, ocupado de consultórios médicos e salas comerciais, foi erguido totalmente em concreto armado e possuía também uma vista diferenciada das igrejas do Bairro de São José (ALVES, 2018). (Figura 8)



Figura 9 - Edifício do Ministério da Educação e Saúde, 1936
- Lúcio Costa e equipe. Rio de Janeiro.
Fonte: O globo, jornal. (2018, n.p.)

A edificação considerada como marco decisivo da arquitetura moderna no país foi a sede do Ministério da Educação e Saúde, desenvolvido por Lúcio Costa e equipe com princípios corbusianos: planta livre, estrutura independente, pilotis, terraço-jardim e panos de vidro. Foi graças ao desejo do ministro da educação, Gustavo Capanema, que tinha a pretensão de construir uma obra monumental e coerente com o que pensava ser a arquitetura que representava o século XX, a arquitetura moderna, que o prédio foi desenvolvido sob a ótica da estética moderna (Figura 9).

Outro importante exemplar modernista é a sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), projetada pelos irmãos Roberto, da MMM Roberto, um dos escritórios mais importantes para a produção arquitetônica moderna no país. Na edificação em questão, a ABI, os irmãos Roberto optaram por tratar a estética das fachadas utilizando sete fileiras horizontais de brises verticais, aproveitando a solução também para a ventilação e iluminação naturais, novamente possibilitadas pela fachada independente da estrutura. (Figura 10)

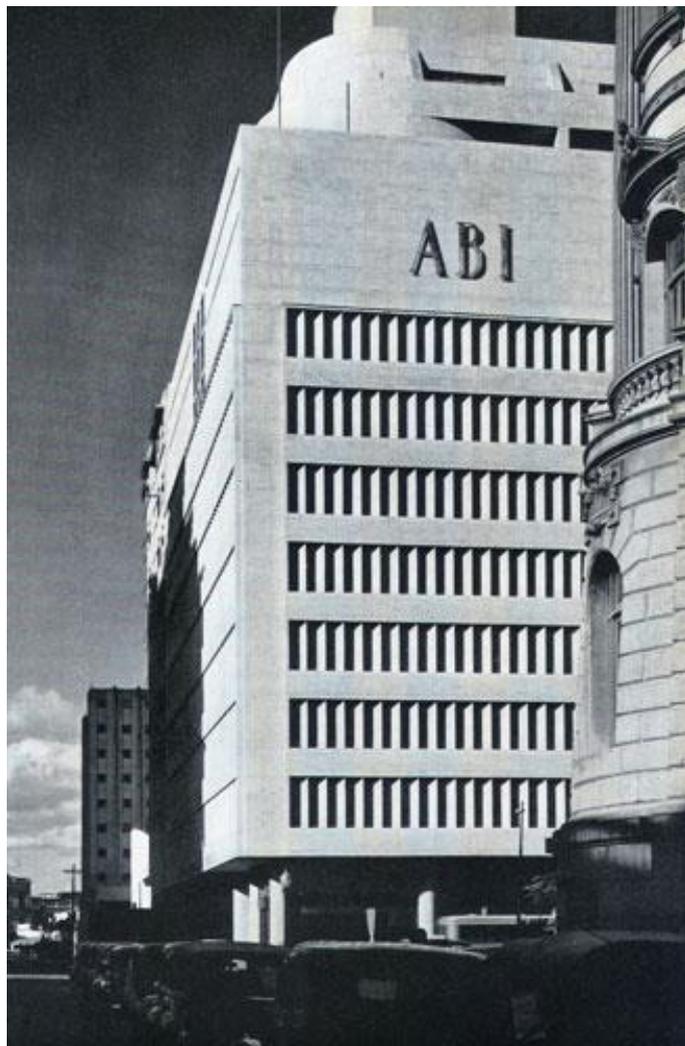


Figura 10 - Associação Brasileira de Imprensa, 1935 - MMM Roberto. Rio de Janeiro.
Fonte: ArchDaily, (2013, n.p.)

2.2. Os edifícios multifamiliares

Semelhantes ao verticalismo de Sullivan, que dividia o uso do edifício entre apartamentos residenciais e salas de escritórios, as primeiras edificações modernas aderiram ao chamado uso misto do edifício, que normalmente consistia em ofertar unidades comerciais e unidades habitacionais no mesmo imóvel.



Figura 11 - Edifício Esther, 1934 - Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho. São Paulo

Fonte: Pereira (2018, n.p.)

No ano de 1934, os proprietários da Usina Açucareira Esther, localizada na cidade de São Paulo, organizaram um concurso para um projeto de um edifício de uso misto, com salas comerciais, lojas e apartamentos. A proposta vencedora seguiu parte da convenção corbusiana, os arquitetos Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho, autores do projeto, optaram pela divisão do programa integral em dois blocos distintos: Edifício Esther (Figura 11) e Edifício Arthur Nogueira (PEREIRA, 2018). O edifício com 10 pavimentos, sendo do primeiro ao terceiro, comercial e do quarto ao décimo andar, residencial; dispõe de apartamentos com plantas e áreas variadas, distribuídos em dezenas de

unidades. É tido como pioneiro de uso misto, no Brasil, ao utilizar o concreto armado em sua estrutura.

Seguindo influências plástico-estruturais apontadas por Le Corbusier, o edifício foi o primeiro a utilizar os princípios racionalistas – planta livre, pilares de seção circular, térreo sobre pilotis junto às galerias, escadas dispostas em volume cilíndrico envidraçado,



Figura 12 – Ed. Inconfidência, 1942 – Carlos Frederico Ferreira. Bairro de São José. Recife.

terraço-jardim e janelas em fita – antecedendo o Ministério da Educação e Saúde (MES) finalizado em 1936, ainda que o Esther tenha sido oficialmente concluído apenas em 1938 (PEREIRA, 2018)

No ano de 1942, O edifício Inconfidência ou a Sede da Delegacia do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (Figura 12).

Em 1943, no Rio de Janeiro, Lúcio Costa assinava o projeto do conjunto de três edifícios de oito pavimentos para o Parque Guinle. Dando continuidade ao uso da solução dos pilotis, de Le

Corbusier, e aproveitando a independência da estrutura onde as fachadas poderiam ficar livres dessa amarração, Costa aplicou “brises verticais associados a uma trama de elementos cerâmicos vazados, com desenhos variados, conferindo às fachadas um colorido suave e dinâmico, além da proteção contra o sol vespertino” (Figura 13)

) era implantado na cidade do Recife, Bairro de São José, às margens do Rio Capibaribe. Projetado pelo arquiteto Carlos Frederico Ferreira, o edifício formado por dois blocos perpendiculares era destinado a funcionários do Instituto com apartamentos duplex, sendo o primeiro e o segundo pavimento destinados para o funcionamento da delegacia.

Em 1943, no Rio de Janeiro, Lúcio Costa assinava o projeto do conjunto de três edifícios de oito pavimentos para o Parque Guinle. Dando continuidade ao uso da solução dos pilotis, de Le Corbusier, e aproveitando a independência da estrutura onde as fachadas poderiam ficar livres dessa amarração, Costa aplicou “brises verticais associados a uma trama de elementos cerâmicos vazados, com desenhos variados, conferindo às fachadas um colorido suave e dinâmico, além da proteção contra o sol vespertino” (MENDES, VERÍSSIMO e BITTAR, 2015, p. 221) (Figura 13)

Essa solução seria utilizada pelo próprio Lúcio Costa em outros projetos, mas também, por outros arquitetos em todo o país.

É importante ressaltar também a chamada arquitetura social, por parte de alguns arquitetos. Como foi o caso do Ed. Inconfidência no Recife e como são os casos do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Sá, mais conhecido como Pedregulho e o Conjunto Habitacional Marquês de São Vicente, popularmente chamado de minhocão da gávea; ambos projetados por Affonso Eduardo Reidy e localizados no Rio de Janeiro.

Com formas corbusianas, semelhantes também às concepções plásticas de Niemeyer, a forma curva e longilínea do conjunto do Pedregulho fora implantada em um morro, onde Reidy aproveitou o terreno acidentado como partido para desenvolvimento do volume da edificação. Inicialmente considerado para abrigar funcionários públicos, além



Figura 13 - Parque Guinle, 1943 - Lúcio Costa. Rio de Janeiro
Fonte: Kon (2021, n.p.)

do conjunto de habitações, o complexo ainda é composto por edifícios públicos e áreas de lazer (Figura 14).

Já no Conjunto Habitacional Marquês de São Vicente, também com a marcante característica curva e linear extensa, o projeto foi destinado para

a requalificação de moradia da favela assentada no local até então. Além do habitacional, o projeto previa também uma creche, escolas primária e secundária, playground, mercado, lavanderia, posto de saúde, igreja, teatro, campos de esport e um departamento de serviço social. No entanto, somente as lavanderias e o posto de saúde foram efetivamente edificadas. Além de outras tantas interferências que o projeto recebeu, a maior delas e mais significativa foi a construção do Túnel Zuzu Angel e da autoestrada, a priori não previstos, impactando na área térrea do edifício e alterando também significativamente o desenho da cidade. (PEREIRA, 2018)



Figura 14 - Pedregulho, 1947 - Affonso Eduardo Reidy. Rio de Janeiro
Fonte: Bonduki (s.d.)

3. ARQUITETURA MODERNA NO RECIFE

Diante do cenário da dita Revolução de 1930, com Getúlio Vargas no poder e tendo Carlos de Lima Cavalcanti como interventor revolucionário em Pernambuco até 1937, quando sofre um golpe de Estado e é deposto, as primeiras experiências da arquitetura moderna foram possibilitadas no país. Sob esse cargo, o governador possibilita obras de cunho social, contratando o arquiteto Luís Nunes, graduado pela Escola Nacional de Belas Artes (NASLAVSKY, 2012). Nunes funda o Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Estado, o DAU, com uma equipe composta por Joaquim Cardoso, Roberto Burle Marx, Hélio Freijó, José Noberto Silva, Fernando Saturnino de Britto e João Correia Lima.

Bruand (2018) afirma que a originalidade de Nunes se torna evidente já nos seus primeiros projetos, demonstrando que a padronização construtiva e a necessidade econômica e funcional do edifício não se opunham à expressão arquitetônica, podendo oferecer simultaneamente soluções técnicas e formais audaciosas.

Na Escola Rural Alberto Torres, inaugurada em 1936, é possível perceber a influência de Le Corbusier com a rede ortogonal da estrutura que proporcionava uma liberação dos espaços interiores, incorporando ainda, o uso sistemático dos novos materiais como o concreto armado e a estrutura aparente. A rampa escultórica sendo o elemento de maior representatividade da escola foi possível graças ao engenheiro calculista Joaquim

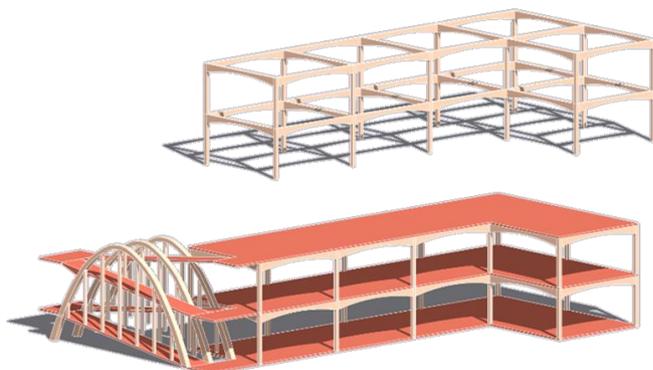


Figura 15 - Esquema estrutura Escola Rural Alberto Torres, 1936 - Luiz Nunes. Recife.
Fonte: autora, 2021.

Cardoso, aquele que a posteriori viria a viabilizar o erguimento de tantas obras icônicas do modernismo assinadas por Oscar Niemeyer. (Figura 15)

Aproveitando a lição dada pelos exemplares europeus e compreendendo que não poderia apoiar-se numa produção essencialmente industrial, Luís Nunes empenhado em aperfeiçoar técnicas artesanais locais, elaborou “uma síntese entre o caráter universal dos princípios básicos da expressão regional que lhes podai ser conferida” (BRUAND, 2018, p. 79)

É na execução da caixa d'água de Olinda que se pode perceber a fusão desses elementos, a estrutura sob



Figura 16 - Estrutura caixa d'água, 1934 - Luiz Nunes. Olinda.
Fonte: autora, 2021



Figura 17 - Caixa d'água, 1934 - Luiz Nunes. Olinda.
Fonte: autora, 2021

pilotis tem as fachadas livres com um fechamento não com panos de vidro, mas com cobogós – originalmente blocos cerâmicos, que constituíam paredes usadas como anteparos para o sol e de certa forma auxiliavam na ventilação – produzidos dessa vez com concreto. (Figura 16 e Figura 17)



Figura 18 - IAB-PE, 1937 - Luiz Nunes e Fernando Saturnino de Brito. Bairro do Derby. Recife.
Fonte: VITRUVIUS, 2021. n.p.

Outro emblemático projeto do arquiteto, o Pavilhão de Verificação de Óbito, realizado em parceria com seu colega Fernando Saturnino de Brito, para a antiga escola de medicina, carrega em seu cerne os ensinamentos modernos de Le Corbusier, tendo em vista principalmente a semelhança de formas e soluções com a Villa Savoye.

A edificação localizada no bairro do

Derby funciona hoje como a sede do Instituto de Arquitetos do Brasil em Pernambuco, IAB – PE desde 1984. (Figura 18)

Ainda que pioneiro na criação de uma linguagem brasileira na arquitetura, a contribuição de Luís Nunes foi breve, tendo falecido em 1937, mesmo ano que o Governador Carlos de Lima Cavalcante fora deposto de sua ocupação política e tendo a DAU praticamente extinta das atividades do Estado. Apesar disso, Nunes deixou descendentes

do seu pensamento e da sua prática e isso pôde ser assistido com as atividades de Fernando Saturnino de Britto no edifício da Secretaria da Fazenda (Figura 19), tendo tido intensa participação em sua execução do também remanescente de Nunes, Hélio Freijó. “Arte, arquitetura e mobiliário deviam estar integrados na constituição dos espaços modernos” (NASLAVSKY, 2012, p. 37). No interior da edificação da Secretaria da Fazenda, toda mobília executada fora projetada exclusivamente para o espaço, bem como os painéis com desenhos abstratos localizados no hall principal, no mezanino e no auditório, desenvolvidos pelo pintor modernista pernambucano Cícero Dias.



Figura 19 - Secretaria da Fazenda, 1939 – Fernando Saturnino de Britto. Bairro de São José. Recife.
Fonte: autora, 2021

Seguindo o ideal maior da arquitetura moderna desenvolvido pela Bauhaus, a integração de todas as artes, a arquitetura pernambucana passou a carregar essa característica de mescla entre a arquitetura e os artistas locais através de outros murais, principalmente através da fundação do Ateliê Coletivo, fundado em 1952 e liderado por Abelardo da Hora.

Mesmo tendo tido as primeiras experiências modernas e sendo continuado por arquitetos, desenhistas e engenheiros, o cenário moderno em Pernambuco sofre significativas transformações quando chega à cidade do Recife Delfim Fernandes Amorim, Acácio Gil Borsoi e Mário Russo, no qual os dois primeiros possuem produção significativa de edificações multifamiliares, ao contrário de Russo, onde sua principal produção se concentrou em prédios institucionais.

Apesar de seu rigor funcionalista, Mário russo, imigrante italiano que chegou para lecionar na então iniciada Escola de Belas Artes de Pernambuco, introduziu para seus alunos o racionalismo, linha de desenvolvimento projetual típica do período entre guerras na Europa. O prédio da Faculdade de Medicina projetado na Cidade Universitária, localizada no bairro da Várzea, no Recife é um belo exemplo dos cânones funcionalista no qual Russo baseia seus projetos. O prédio possui uma rígida modulação, blocos separados conforme a sua função e com circulações independentes. E apesar de não carregar o arrojo plástico aspirado no período, russo conseguiu instituir a preocupação com a ventilação e a insolação, característica típica da arquitetura moderna brasileira (NASLAVSKY, 2012).

3.1. Os edifícios multifamiliares no Recife



Figura 20 - Hall de entrada bloco A- Edf. União, 1953 – Borsoi. Bairro da Boa Vista. Recife.
Fonte: autora, 2021.

Delfim Amorim, arquiteto português domiciliado na capital pernambucana foi um dos arquitetos modernistas que carregou consigo a marca da tradição portuguesa através de seus azulejos.

Insatisfeito com a linha industrial de azulejos, criou desenhos exclusivos para algumas de suas obras [...] coexistindo com outros materiais como a pedra, o reboco, o concreto aparente, o tijolo à vista[...] (BATISTA, 2020, p. 67).

Um de seus primeiros trabalhos não carrega a sua assinatura na arquitetura, mas sim nos azulejos que permeiam o pilotis, ou área de estacionamento do Edifício União, 1953, localizado no bairro da Boa Vista, projetado pelo arquiteto Gil Borsoi, seu primeiro parceiro nos projetos quando ainda não tinha a licença brasileira para projetar. (Figura 20).

O projeto destinado às famílias de classe média possui dois blocos de apartamentos e explora elementos trabalhados na escola carioca como os pilares em V do térreo e a preocupação com a ventilação e insolação evidenciada pelo uso dos cobogós em sua fachada, carregando certa semelhança com os edifícios do Parque Guinle de Lúcio Costa (Figura 22 e Figura 21). Tendo em vista a sua ortogonalidade volumétrica, característica comum da arquitetura moderna, é possível afirmar que o arquiteto parecia ainda estar comedido com o trabalho plástico de volumetria do edifício, pois este se torna um contraponto com os projetos subsequentes que acabaram quebrando paradigmas com suas plantas e volumetrias complexas. Duas moradoras locais foram entrevistadas, coincidentemente



Figura 22 - pilares em V, Edf. União, 1953 - Borsoi. Bairro da Boa Vista. Recife.
Fonte: autora, 2021.



Figura 21 - Fachada Edf. União, 1953 - Borsoi. Bairro da Boa Vista. Recife.
Fonte: autora, 2021.

arquitetas, explanaram a qualidade da edificação na ventilação constante que circula dentro dos apartamentos, proporcionada pelos panos de vidro da fachada, os quais possibilitam aos usuários o controle da posição e da quantidade de vento desejada; em sua área confortável e espaçosa, e de maneira enfática, abordaram a máxima de Sullivan, onde a forma segue a função, enfatizando que Borsoi empregava, não só nesse projeto, mas em toda sua coletânea, o lema adotado pela maioria dos arquitetos modernistas. A partir disso, umas das entrevistadas, que foi aluna de Acácio Gil Borsoi, relatou que as primeiras demandas a serem resolvidas do projeto eram as necessidades funcionais, após isso, de maneira concomitante e complementar, pensava-se na plástica da edificação (Figura 23).

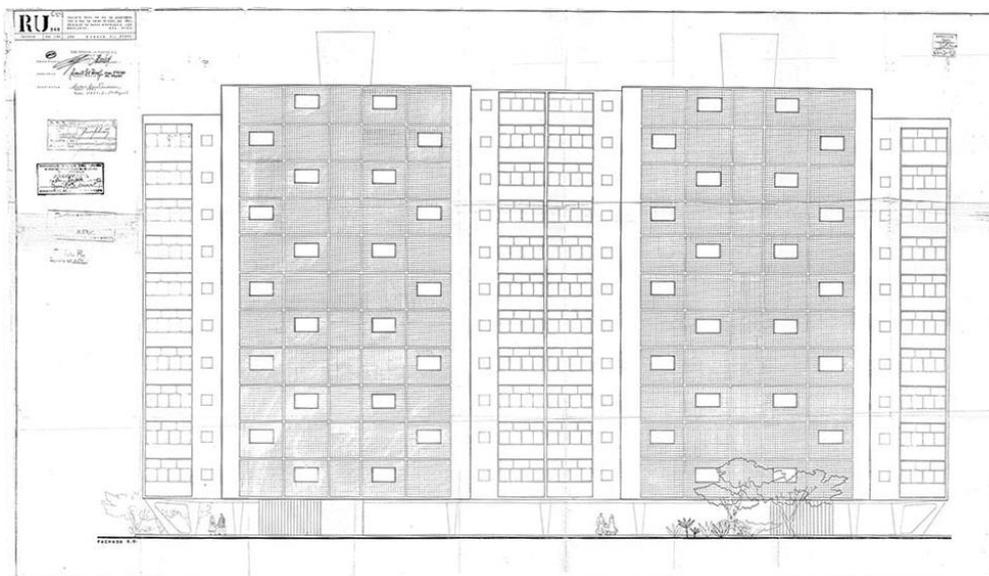


Figura 23 - Fachada - Edf. União, 1953 - Borsoi. Bairro da Boa Vista. Recife.
Fonte: Acervo Borsoi, 2021. n.p.

“Testemunha do crescimento de Boa Viagem e ponto de referência para quem vai à praia”(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2019). O edifício California, localizado no segundo jardim do bairro de Boa Viagem, projetado no ano de 1953 também por Acácio Gil, “é composto por dois volumes sobrepostos: O primeiro ao nível da rua, predominantemente horizontal, destinado às funções de comércio e serviços e que, juntamente a uma série de pilotis, suporta um segundo volume vertical que acomoda o uso residencial.” Conforme o site do próprio arquiteto. Esse volume vertical, solto dos limites do terreno permitiu ao arquiteto colocar panos de vidro nas fachadas laterais e frontal da edificação, deixando somente a fachada do fundo, oeste e de maior incidência solar, com uma empena cega impedindo a entrada de luz e calor em excesso (Figura 24 e Figura 25).



Figura 24 - Edf. California, 1953 – Borsoi. Boa Viagem, Recife.
Fonte: Batista, 2020. n.p.



Figura 25 - Edf. California, 1953 – Borsoi. Boa Viagem, Recife.
Fonte: Acervo Borsoi, 2021. n.p.

O uso misto do edifício permitiu a manutenção de sua permanência na cidade e conforme os serviços e comércios foram mudando e se adaptando ao tempo, como por exemplo a chegada do café, de novos restaurantes, de uma galeria de arte e de um escritório de arquitetura, o interesse e o uso da construção também por parte do bloco residencial passou a aumentar. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2019)

No ano de 1957 era erguido na Avenida Boa Viagem o Edf. Acaiaca, projetado pelo arquiteto Delfim Amorim. Uma edificação predominantemente horizontal ocupando uma larga faixa de vista para o mar, a sua locação incomum – para o que se formou posteriormente – bem como as soluções arquitetônicas escolhidas pelo autor também fizeram dele um marco e referência na cidade.

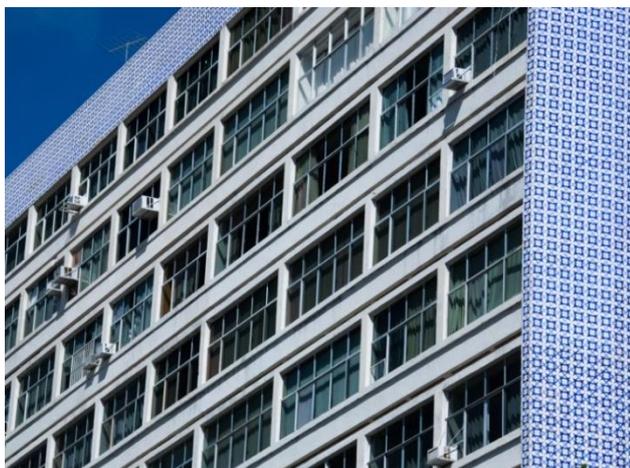


Figura 26 - Edifício Acaiaca, 1957 – Amorim. Boa Viagem, Recife.

Fonte: Recife Arte Pública (20---, n.p.).

Como emblema registrado de Amorim, o Acaiaca é revestido com azulejos desenhados exclusivamente para a obra; sua fachada frontal é coberta pelos panos de vidro, privilegiando a vista de todos os quartos voltados para o mar possuindo também peitoris ventilados que permitem a aeração constante dos espaços internos, procedimento típico do autor e que era de

extrema importância tendo em vista o clima quente e tropical do Recife. (BATISTA, 2020) (Figura 26).

Acácio Gil Borsoi conduzia seus projetos através da técnica e da necessidade de causar emoção através da arquitetura. (BORSOI, 2001) Em função disso, é possível observar em seu acervo projetual, a enorme variedade estética, não só pela aplicação de determinados tipos de materiais como o concreto aparente e o tijolo cerâmico, mas também o trabalho com a volumetria da construção, sendo este o principal partido estético e funcional de seus projetos, fugindo da, até então, ortogonalidade predominante nos edifícios modernos.



Figura 28 - Edf. Mirage, 1967 - Borsoi. Boa Viagem, Recife.
Fonte: Lubambo, 2014



Figura 27 - Planta baixa - Edf. Mirage, 1967 - Borsoi. Boa Viagem, Recife. Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012.

Localizado na Rua dos Navegantes, bairro de Boa Viagem e projetado por Borsoi, o Edifício Mirage, 1967. O artifício utilizado pelo arquiteto com a maioria de seus ambientes rotacionados para proporcionar vista e ventilação diretas para o mar em todos os quartos resultou numa planta bastante desconstruída, e uma desconstrução da ortogonalidade, sendo estas intensificadas pela variedade de materiais que é utilizada para demarcar sua volumetria. O edifício é finalizado com um coroamento de concreto aparente conferindo ainda mais personalidade à esta construção. (Figura 28 e Figura 27).

O rompimento da proposta de um prisma vertical, foi dada graças às possibilidades desenvolvidas pela legislação de uso e ocupação do solo com um procedimento de compensação dos recuos onde Borsoi auxiliou de maneira efetiva para a elaboração do código urbanístico da cidade do Recife. Como exemplificado nos prédios Mirage, 1967, Michelangelo, 1969, entre outros. (NASLAVSKY, 2012). É possível perceber uma maior liberdade de forma na rede uma figura geométrica pura com a variedade de elementos arquitetônicos na Figura 29.

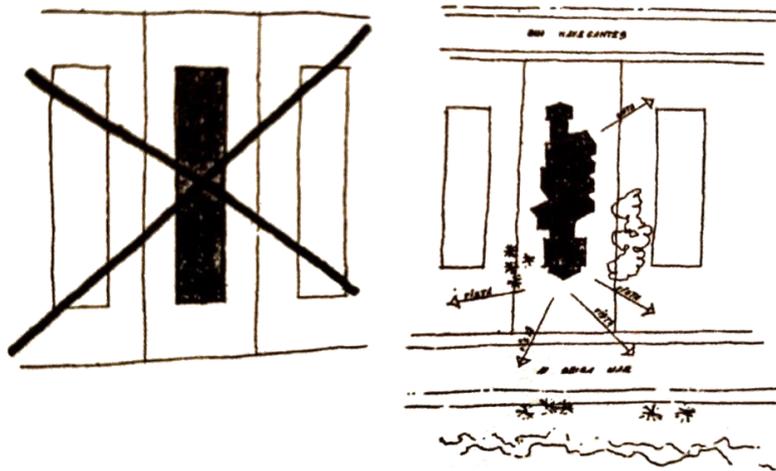


Figura 29 - Catálogo de vendas – Edf. Michelangelo, 1969 – Borsoi. Boa Viagem, Recife. Fonte: Lima, 2002.

No ano de 1970 é erguido no bairro da Derby pelos arquitetos Delfim Amorim e Heitor Maia Neto, o edifício multifamiliar Duque de Bragança. A sua volumetria é marcada por volumes salientes verticais e contínuos revestidos com tijolinho que corresponde à solução dos armários embutidos, dialogando com as marcações verticais entre esquadrias (Figura 30). Novamente abaixo das esquadrias é utilizada uma fenestração possibilitando a ventilação, mas dessa vez elas se tornam uma espécie de banco ventilado conforme na Figura 31.



Figura 30 - Edf. Duque de Bragança, 1970 – Delfim Amorim e Heitor Maia Neto. Derby, Recife.
Fonte: Melo (2021, n.p.)



Figura 31 - Bancos ventilados - Edf. Duque de Bragança, 1970 – Delfim Amorim e Heitor Maia Neto. Derby, Recife.
Fonte: Siqueira, 2021



Figura 32 - Edf. Sparta, 1972 – Jerônimo e Pontual.
Jabotão dos Guararapes.
Fonte: Expoimóvel (s.d.)

Premiado por um concurso de projetos promovido pelo IAB e produzido pela dupla Jerônimo e Pontual arquitetos, o Edifício Sparta, do ano de 1972, localizado em Jabotão dos Guararapes, bairro de Piedade. Os arquitetos confessam que a concepção flexível do projeto só foi possível graças ao perfil do cliente – um empresário e intelectual – que lhes deu total liberdade criativa. O projeto foi vendido com apenas 12 unidades, uma por andar, mas que graças às instalações de manutenções independentes e às lajes duplas, o remodelamento dos ambientes internos poderia ser feito a qualquer momento (SILVA, 2020). (Figura 32).

Projetado no ano de 1972 e localizado na rua Bruno Veloso no Bairro de Boa Viagem, o Edifício Sahara, de Vital Pessoa de Melo carrega em sua forma a diversidade de materiais como as placas concreto produzidas in loco e os rasgos de peitoris ventilados, bem como pastilhas brancas .02 x

.02 – comuns em edificações da década de 1970 – que recentemente, por volta dos anos 2010 foi reformada substituída por cerâmicas .10 x .10 também brancas. Prevendo futuras barreiras que impedissem o usuário a visada direta para o mar, “o arquiteto compôs um volume de esquinas angulosas com aberturas em suas quinas” (DOCOMOCOMO, 2016).

Projetado por Alexandre Castro e Silva no ano de 1975, o Edifício Tiberius, carrega em seu cerne a dinamicidade. Nesse período, a priorização dos ambientes em prol da vista e da ventilação já haviam se tornado ferramenta típica da arquitetura moderna pernambucana, principalmente nas edificações multifamiliares tendo em vista que grande parte dessas construções resultaram em volumes bastante recortados, com muitas reentrâncias e saliências, ou até mesmo a rotação dos ambientes que priorizam essa visada como é o caso da área social e da área íntima na edificação. (Figura 33)

O Edifício Itaoca, 1976, de Dinauro Esteves & Luiz Priori fica localizado na Rua Flor de Santana, no Bairro

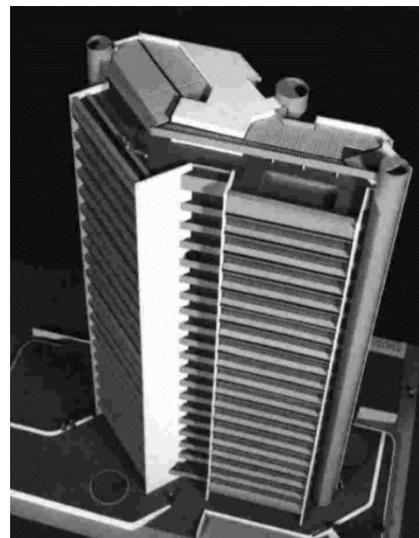


Figura 33 - Edif. Tiberius, 1975 - Alexandre Castro e Silva. Jaboatão dos Guararapes.

Fonte: Acervo Fernando Diniz



Figura 34 - Edif. Itaoca, 1976 - Dinauro Esteves e Luiz Priori. Parnamirim, Recife.

Fonte: autora, 2021

de Parnamirim. Os arquitetos também tem a preocupação com a ventilação e a incidência direta da luz solar, no entanto, usando outros elementos comuns da arquitetura, mas pouco usuais em edificações verticais, como é o caso dos brises, mas principalmente das pérgolas. É importante ressaltar ainda que todos esses elementos estão colocados na edificação em concreto aparente, conferindo ainda mais personalidade ao projeto. Outra ferramenta comum, mas utilizada de uma outra maneira são os peitoris ventilados, dessa vez composto por frestas entre as peças de concreto nos limites das varandas. **(Figura 34)**

Considerado o edifício-quintal, o residencial Villa Marianna, projetado no ano de 1976, localizado no Bairro do Parnamirim, carrega a assinatura de Wandenkolk Tinoco, o qual possui como marco de seus projetos os jardins e jardineiras. Na edificação em questão, o arquiteto desenvolve brises num formato em “L” que permitem guardar da incidência direta do sol e da chuva as janelas e varandas, somado a isso, encontram-se nesses mesmos brises uma jardineira em toda extensão da fachada principal do edifício,



Figura 35 - Edf. Villa Marianna, 1976 - Wandenkolk Tinoco. Parnamirim, Recife.
Fonte: autora, 2021.

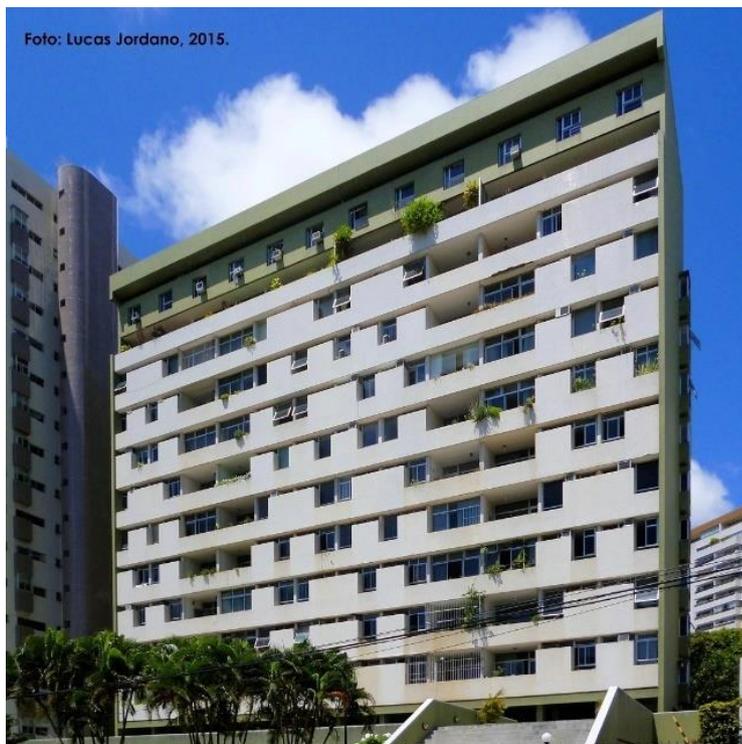


Figura 36 - Edf. Villa Cristina, 1978 - Wandenkolk Tinoco. Espinheiro, Recife.
Fonte: Lucas Jordano, 2015

concedendo a possibilidade ao usuário, caso haja chuva, a permanência das janelas abertas sem molhar a área dos quartos ou da sala. (Figura 35).

Em outro exemplo, o Edifício Villa Cristina, 1978, é possível observar uma solução já adotada pelos outros arquitetas do mesmo período, os quadra roupas embutidos que se transformam em volumes na fachada, nesse caso (Figura 36), o arquiteto optou por dar continuidade ao volume que saca na fachada, deixando um recorte

para que servisse para abrigar as caixas de ar condicionado dos quartos sem que estas interferissem na plástica da fachada.

Roberto Soares, bem como outros arquitetos da década de 1970, optaram por utilizar o concreto aparente como um dos elementos de destaque de suas obras, dentre algumas delas é possível citar o Edifício Casbah, de 1978 e o Edifício Aquarela, de 1979, exemplificado



Figura 37 - Edf. Aquarela, 1979 – Roberto Soares. Boa Viagem, Recife.

Fonte: Batista, 2021.

na **Figura 37**. Além do coroamento de concreto, o edifício possui uma de suas quinas chanfradas formando uma outra face de fachada recoberta com panos de vidro proporcionando mais vista para o mar (**Figura 37**).

Também da Acácio Gil Borsoi, os Edifícios Debret e Rembrandt, de 1979 e 1980, respectivamente, estão localizados na Avenida Boa Viagem, quase um ao lado do outro. Possuindo lotes, condições e concepções semelhantes, tendo em vista

que o artifício de alternância entre pavimentos fora utilizado em ambos. Apesar disso, cada um se destaca com uma plasticidade singular, enaltecendo dessa maneira a criatividade do arquiteto diante de circunstâncias congêneres. No caso Debret, a fachada de vidro da sala de um pavimento é continuada para se tornar o peitoril do pavimento superior, no

caso Rembrandt, as varandas são deslocadas ora para a esquerda e ora para a direita, deixando parte das varandas com um pé direito duplo. Essa solução fora utilizada muito provavelmente devido as piscinas locadas em cada pavimento (Figura 39 e Figura 38).



Figura 39 - Edf. Debret, 1979- Borsoi. Boa viagem, Recife.
Fonte: Batista, 2021.



Figura 38 - Edf. Rembrandt, 1980 - Borsoi. Boa viagem, Recife.
Fonte: Batista, 2021.

Outros arquitetos como Jerônimo da Cunha Lima e Carlos Fernando Pontual, que ainda produzem arquitetura contemporânea, tiveram a experiência de produzir também arquitetura moderna. Como sócios no período modernista, Jerônimo e Pontual produziram um dos edifícios mais emblemáticos da Avenida Boa Viagem, o Casa Alta (Figura 40).

O terreno continha uma casa pertencente a um empresário alemão, que por sua vez, buscou o escritório Jerônimo e Pontual com o desejo de fazer um edifício de apartamentos para comercializar. Os impedientes legais se tratavam dos recuos, e naquele período do gabarito, devido a um farol contíguo próximo ao mangue que se encontrava em cartas cartográficas e possuía importância histórica e por isso delimitava a altura de edifícios que

estivessem em determinada área de proximidade. Com isso em mãos, e com o coeficiente de utilização do terreno da área em mãos, os arquitetos perceberam que seria viável projetar dois grandes apartamentos por andar, com cerca de 400m² cada um. No entanto, o cliente tinha a clara exigência de que não gostaria de transparecer no edifício a divisão dos dois apartamentos por pavimento, ele achava que poderia ser depreciativo, que perdia o valor, em resumo, achava feio. Dessa maneira, induzidos pela forma do terreno, surgiu a forma curvilínea da edificação. As formas comportam os terraços dos apartamentos, sendo elas áreas úteis da edificação, não



Figura 40 - Edf. Casa Alta, 1988
- Jerônimo e Pontual. Boa
viagem, Recife.

Fonte: Pires (2016, n.p.)

apenas um fachadismo. Importante ressaltar que a sala não seguia a mesma forma, era composta de maneira mais racional, pensando na execução do projeto (Figura 41).

Certamente, o caso particular de um cliente desejar edificar seu próprio edifício mantinha o arquiteto mais livre para criar a forma, as limitações eram menores, a forma diferenciada e as propostas dos arquitetos eram vistas pelo cliente como uma qualidade arquitetônica que agregava também no valor final da construção.²



Figura 41 - Edf. Casa Alta, 1988 – Jerônimo e Pontual. Boa viagem, Recife.
Fonte: Pires (2016, n.p.)

² O depoimento sobre o desenvolvimento do projeto do Edifício Casa Alta foi obtido através de uma conversa com o arquiteto Carlos Fernando Pontual no mês de novembro de 2021.

3.2. Mercado imobiliário no contexto modernista

O panorama dos países no período correspondente aos anos 1947 e 1989 era ostentar progresso, independentemente de sua posição política e econômica tendo em vista que o cenário da época se encontrava bipolarizado com a União Soviética num extremo e os Estados Unidos no outro.

Com o Brasil tendo Getúlio Vargas no poder, as políticas públicas de desenvolvimento econômico se estenderam desde a capital brasileira, na época o Rio de Janeiro, até alcançar todo o território nacional. Entendendo a arquitetura e o urbanismo um reflexo do contexto social, político e econômico no qual se encontra, elas foram mais uma vez utilizadas como um dos principais artifícios progressistas para a divulgação de ampliação e prosperidade das cidades.

No Recife, esse desenvolvimento urbano expandiu-se para áreas pouco ocupadas da cidade. O Bairro de Boa Viagem, na época uma praia predominantemente de veraneio, e o Bairro da Várzea, no subúrbio da cidade. Os locais escolhidos tiveram como objetivo descentralizar as moradias e atividades econômicas. Na praia de Boa Viagem foram surgindo dezenas de moradias para as classes mais abastadas e na Várzea, o campus da Universidade Federal de Pernambuco, onde a produção modernista fora intensificada e desenvolvida sob prédios institucionais como os setores da universidade e seus respectivos cursos e na praia de Boa Viagem, essa produção tornou-se significativa com a quantidade de construções verticais e modernistas (**Figura 42**).

Em 1954-1955, os boletins divulgam propagandas do novo conjunto residencial Banco Hipotecário Lar Brasileiro S.A, em Boa viagem, evidenciando o crescimento urbano e a ocupação crescente dessa área da cidade, inclusive com a mudança do status de residências de veraneio para residências permanentes. (NASLAVSKY, 2012, p. 41-42)



Figura 42 - Praia de Boa Viagem - anos 1960
Fonte: Recife de antigamente (2021, n.p.)

Apesar da tentativa de ocupação em outras áreas da cidade, é possível perceber, entre os anos 1950 e 1960, uma predominância de edificações modernas nos bairros da Zona Norte, como Casa Forte, Casa Amarela, Parnamirim, Aflitos e etc. (NASLAVSKY, 2012)

Com o constante incentivo construtivo na cidade, se fazia necessário o desenvolvimento de leis que regessem essa nova ocupação, segundo Naslavsky (2012), o código de obras recifense fora baseado no código de obras do Distrito Federal, além da contribuição do arquiteto Acácio Gil Borsoi para a formação do controle da lei de uso e ocupação do solo desenvolvendo códigos matemáticos.

Dentro desse contexto, é possível observar a expressividade arquitetônica ganhando força tanto no âmbito de construções governamentais, quanto também nas construções de edificações multifamiliares, entre outras tipologias. No primeiro cenário, o das instituições públicas, a linguagem de determinadas soluções estético-funcionais carregava a mensagem de imponência e de prosperidade que o governo gostaria de passar. Quanto às edificações residenciais, a Lei de uso e ocupação do solo do ano de 1983, era carregada de possibilidades para o autor e criador de projeto, dentre elas, a não contabilização de áreas sacadas da volumetria do prédio, como é possível observar na mudança tipológica apresentada nas obras de Acácio Gil Borsoi, que começou com edificações predominantemente ortogonais e depois ganhou movimento e formas dinâmicas.

Apesar da predominância das obras estudadas ser para classes sociais média-altas, é importante ressaltar também obras para a classes com um menor poder aquisitivo

como é o caso do Edifício Araguaia, localizado no Derby, obra de 1961 de Delfim Amorim. Nele, é possível observar volumes recortados formando reentrâncias e saliências que demarcam cada pavimento. Esses rasgos são na verdade uma solução encontrada pelo arquiteto para iluminar os banheiros e a cozinha sem que fosse preciso o uso das esquadrias (Figura 44). Além claro, do revestimento exclusivo e também do uso do sistema de pilotis (Figura 43).

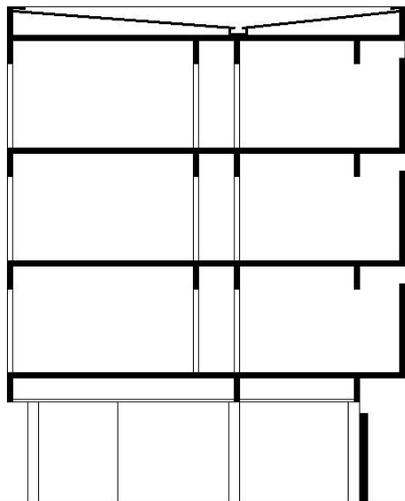


Figura 44 - Corte - Edf. Araguaia, 1961 - Amorim. Derby, Recife
Fonte: Maia (2017, n.p.)



Figura 43 - Edf. Araguaia, 1961 - Amorim. Derby, Recife.
Fonte: Maia (2017, n.p.)

Outro exemplar é encontrado no Bairro das Graças, do ano de 1970, o Edifício Nossa Senhora do Sameiro - totalizando o quarto edifícios de outros três produzidos no mesmo ano. Possui também um sistema de pilotis, e suas fachadas são revestidas com tijolo e

possuem pintadas as marcações da sua estrutura, como é o caso das vigas e dos pilares. Suas esquadrias, originalmente de madeira, comportam como peitoril um sistema de venezianas (Figura 45).



Figura 45- Edf. Nossa senhora do Sameiro, 1970. Graças, Recife.
Fonte: Google Street view (2020, n.p.)

Como chama Borsoi, ainda existem os exemplares como o Conjunto Habitacional Inez Andreazza, projetado no ano de 1979 que também carrega soluções modernistas, apesar de seu caráter mais simplório. O uso dos cobogós e do pilotis se fazem presente,

bem como também o uso do concreto armado, nesse caso em específico sendo pré-fabricado (Figura 47 e Figura 46)

Elementos pré-fabricados em concreto definem as cercaduras das janelas e arremates, rompendo o limite regular do edifício. No conjunto, os blocos, distribuídos de modo a gerar um movimento e romper a inevitável monotonia da repetição infundável de edifícios iguais. Cores também são utilizadas com o mesmo propósito, além de identificar as diversas glebas do conjunto. (Acervo Borsoi, 2021)



Figura 47 - Conjunto Inez Andreazza, 1979 – Borsoi. Areias, Recife.
Fonte: Acervo Borsoi, 2021.



Figura 46 - Conjunto Inez Andreazza, 1979 – Borsoi. Areias, Recife.
Fonte: Acervo Borsoi, 2021.

3.3. A legislação no modernismo

A construção e a evolução das leis de uso e ocupação de determinada cidade, no caso estudado, do Recife não serão substanciais para o assunto em específico, no entanto, a legislação moderna, parte dela com autoria de Acácio Gil Borsoi, será de grande destaque e contribuição tanto para o cenário e o período em que fora moldada, como também sendo ela um reflexo do que é possível observar hoje na Avenida Boa Viagem.

Ocupada predominantemente por casas de veraneio na década de 1950, a avenida Boa viagem possuía lotes com medidas suficientes para este uso, no entanto, com a adição de edificações multifamiliares à orla, os terrenos poderiam ser considerados estreitos, tendo em vista os afastamentos exigidos por lei. Apesar disso, poderia ser possível realizar um remembramento de terrenos e fazer edifícios como o Acaiaca (1957) onde possuía um terreno raso, mas com uma larga faixa de frente para o mar. Pensando na inviabilidade dessa disposição predominantemente horizontal, Borsoi desenvolve um sistema percentual de compensação de afastamentos onde seria possível, mesmo com lotes estreitos, a implantação de edifícios verticais.

Além do impacto na ventilação que iria causar uma faixa de edifícios mais largos, é importante ressaltar a contribuição que foi a legislação para o mercado e especulação imobiliária, tendo em vista que agora seria permitido uma quantidade significativa de lotes à beira da avenida. É possível observar essa influência na **Figura 48**, onde o lote marcado

na cor laranja se encontra o Acaiaca, sendo possível observar que sua localização ocupa cerca de dois a três lotes.

Outro fator legal que influenciou, ou permitiu uma maior liberdade plástica dos edifícios foram as áreas de volumes ou saques de elementos arquitetônicos que não eram computadas como área total da construção. Isso permitiu com que artifícios como o

guarda-roupa embutido, que podia ser visto como um volume sacando nas fachadas, ou volumes excedentes como terraços, varandas, armários, jardineiras, caixas de escadas, terraços de serviços e etc, fossem amplamente utilizados nesse período. (Lei Nº 14.511 de 17 de janeiro de 1983. Art. 24, § 1º).



Figura 48 - Malha Avenida Boa Viagem
Fonte: Esig, 2021. Modificado pela autora.

4. ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO RECIFE

Sucedendo a Era Vargas, Juscelino Kubitschek dá continuidade ao dito progresso prometendo fazer 50 anos em 5 de governo. Um de seus maiores feitos foi a fundação de Brasília, nova capital do país e marco da arquitetura e do urbanismo modernos. No entanto, ainda sob a bipolarização política exterior, a turbulência política no país se intensifica após a renúncia de Jânio Quadros seguida da posse no novo presidente eleito por um plebiscito, João Goulart. A insatisfação com o novo governante fomentava um clima propício para uma brusca mudança política levada a efeito entre os dias 31 de março e 1º de abril de 1964, quando é dado início a Regime Militar no país.

Nesse contexto político é onde se desenvolve o chamado milagre econômico, apoiado numa “política de expansão do mercado interno, modernização do sistema de crédito e novas regras para exportação, financiando pela maciça entrada do capital estrangeiro” (MENDES, VERÍSSIMO e BITTAR, 2015, p. 296). Sustentado pelas iniciativas desenvolvimentistas e um acelerado crescimento demográfico, reflexo da grande migração interna através do êxodo rural, que se consolida o chamado estilo Brutalista, atendendo às demandas por equipamentos públicos, reformas urbanas e o próprio mercado imobiliário (BASTOS e ZEIN, 2015).

O dito milagre econômico foi transmitido para a população graças às políticas de censura que só permitiam a divulgação de informações que lhe beneficiassem, sendo refletido também para a arquitetura através de símbolos ou de uma estética que



Figura 49 - Centro Empresarial Previnor, 1985 - Fernando Peixoto. Bahia.
Fonte: Gicovate (2021, n.p.)



Figura 50 - Residencial Mansão Francisco de Sá, 1993 - Fernando Peixoto. Bahia.
Fonte: Acervo Fernando Peixoto (s.d.)

representasse poder e monumentalidade. Mas já nos anos finais desse período, a solicitação por projetos governamentais cai consideravelmente, restando o mercado imobiliário como principal cliente do arquiteto, que, no entanto, não necessita de dados simbólicos através da plástica, mas que costuma priorizar o custo-benefício e a eficiência da construção.

A virada dos anos 70 para os anos 80 testemunhou a escassez das iniciativas do poder público, paradoxalmente, junto com o projeto de abertura democrática. Ao mesmo tempo, acompanhamos o crescimento da iniciativa privada que muitas vezes colocou em xeque a manifestação estética da arquitetura brasileira... (ARTIGAS; SILVA apud BASTOS E ZEIN, 2019. p. 260)

Nas décadas seguintes, entre os anos 1980 e 1990, o pensamento pós-moderno se desenvolve com mais intensidade no país, com o intuito de realizar uma crítica ao que, até então, se conhecia do modernismo. No entanto, esse

pensamento não foi construído de modo conceitual e teórico, e sim de maneira intuitiva (BRUAND, 2018), através das próprias construções. É possível perceber uma tentativa dessa nova estética nos projetos de Fernando Peixoto, na Bahia, como o Edifício residencial Mansão Francisco de Sá e o Empresarial Previnor, de 1985 e 1993, respectivamente. (Figura 49 e Figura 50) e o Museu



Figura 51 - Museu de Mineralogia, 1992 - Éolo Maia. Belo Horizonte
Fonte: Cecília, 2011.

de Mineralogia em Belo Horizonte, do ano de 1992 de Éolo Maia (Figura 51).

Bastos e Zein (2091) afirmam ainda que as mudanças na legislação de uso e ocupação do solo - de maneira generalizada no país - deixam brecha para o desenvolvimento desenfreado da construção civil, consolidando e fortalecendo desta forma, o mercado imobiliário e disseminando uma arquitetura convencional quase que totalmente sob custos e prazos. Bastos e Zein (2019) exemplificam essa situação com o caso Berrini, em São Paulo, onde o zoneamento genérico do local promoveu a difusão da verticalização através de investidores de pequeno, médio e grande porte que se consolidaram no mercado da construção. “O caso em questão, trata de várias obras

adjacentes compostas pelo mesmo grupo de empreendedores/arquitetos num curto período, levando a uma relativa homogeneidade de resultados” (BASTOS e ZEIN, 2015, p. 269). As autoras ainda comentam que num prazo de pouco mais de uma década foram planejados e construídos mais de trinta edifícios ao longo de uma avenida de 2km de comprimento e suas adjacentes.

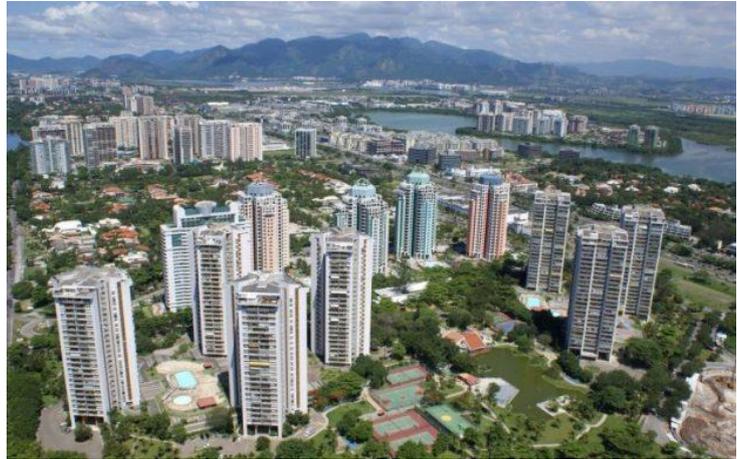


Figura 52 -Conjunto de condomínios, Barra da Tijuca – RJ
Fonte: Kuitert, 2016.

Ainda assim, quando contraposto a mimetização do caso Berrini com cenários de edificações multifamiliares e que não necessariamente foram construídas pelos mesmos empreiteiros ou desenhadas pelos mesmos arquitetos é possível perceber a conformidade das soluções escolhidas no projeto, como é possível exemplificar na **Figura 52** o conjunto de condomínios na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. É comum que edificações de um mesmo empreendimento – leia-se conjunto planejado de edificações – contenha a mesma solução estética, tendo em vista que ele precisa ou deseja ser identificado como conjunto do mesmo condomínio. Apesar disso, no exemplo citado no Rio de Janeiro é possível observar uma mimese entre condomínios, possuindo quase a mesma leitura estética.

Não é possível deixar de assinalar a profusão da “arquitetura sem rosto”, pasteurizada, mas com ampla aceitação pela população através da eficiente publicidade via televisão, com imagens idílicas e coloridas a partir de 1973 e jingles envolventes (MENDES, VERÍSSIMO e BITTAR, 2015, p. 298)

Segundo Thiago Monteiro (2021), a Incorporadora Encol foi quem contribuiu enormemente para a mimetização da arquitetura, ou simplificação plástica. Levando em conta também a necessidade da celeridade das construções, a incorporadora desenvolveu cartilhas que racionalizavam todos os sistemas da construção, como a modulação de suas estruturas, as instalações elétricas e hidráulicas e etc. Para além da celeridade de suas obras, a Encol investiu também em cartilhas de publicidade e propaganda que encantassem, através das melhores ofertas de venda, o comprador. No entanto, apesar da crescente propaganda e boa fama, a Encol que possuía cerca de 30 anos de mercado não conseguiu se manter firme com as propostas que realizava, fazendo das finanças do negócio um fiasco o que desencadeou milhares em dívida e acabou por declarar falência no ano de 1999.

Apesar da queda, a Incorporadora Encol deixou muitos ensinamentos para banqueiros, gerentes de

ENCOL. IMÓVEL NOTA SEM.

SEM SINAL. SEM ENTRADA. SEM INTERMEDIÁRIAS.

Em desistência, a Encol está com as melhores condições para você comprar seu apartamento. Você já começa pagando apenas as parcelas mensais, superfacilitadas. E o melhor, após o prazo, é financiado pelo agente. Emocione-se pela Encol, em até 48 meses. Sem sinal, sem entrada, sem intermediárias. Com todas estas facilidades, você não fica sem apartamento. Sem dívidas futuras.

Sistema de Gestão Residencial

ENCOL IMÓVEL

PREÇOS DE VENDA:

- R\$ 50.000,00
- R\$ 60.000,00
- R\$ 70.000,00
- R\$ 80.000,00
- R\$ 90.000,00
- R\$ 100.000,00
- R\$ 110.000,00
- R\$ 120.000,00
- R\$ 130.000,00
- R\$ 140.000,00
- R\$ 150.000,00
- R\$ 160.000,00
- R\$ 170.000,00
- R\$ 180.000,00
- R\$ 190.000,00
- R\$ 200.000,00
- R\$ 210.000,00
- R\$ 220.000,00
- R\$ 230.000,00
- R\$ 240.000,00
- R\$ 250.000,00

Figura 53 - Propaganda Encol
Fonte: Marketing Imob, 2012

empresas, gerentes de marketing e construtoras, tanto no âmbito fiscal como também na racionalização da construção civil no país.

A literatura sobre o caso permeia os âmbitos jurídicos e de negócios, e apesar de não ter sido encontrada documentações que determinem sua influência nos métodos de outras construtoras, existem algumas práticas quistas pelo mercado imobiliário que envolvem a racionalização da construção que merecem ser destacados. Uma delas, citadas pelo arquiteto Carlos Fernando Pontual (2020), que é uma conta matemática realizada de maneira muito

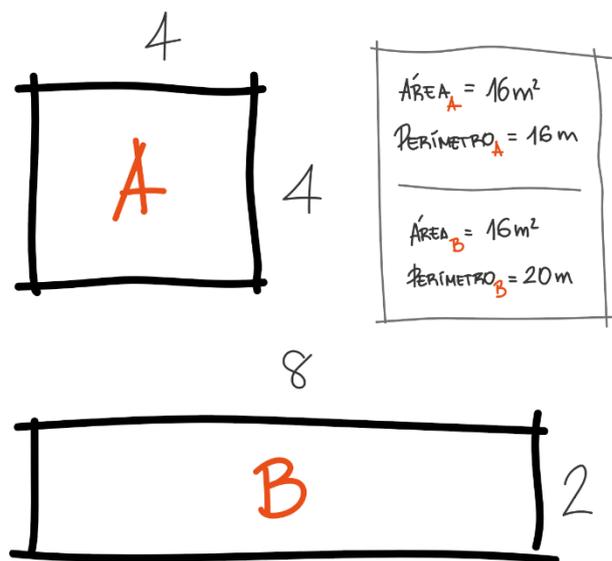


Figura 54 - Exemplo 01 - Área e perímetro
Fonte: autora, 2021

simples quanto à área de revestimento que um prédio vai receber. Na **Figura 54**, exemplo citado pelo arquiteto, ambas as formas possuem a mesma área, no entanto, o perímetro composto pelas geometrias é diferente, uma mais quadrada (A), possui um perímetro de 16 metros e a outra mais retangular (B), possui 20 metros de perímetro. Essa diferença resulta num gasto maior ou menor de revestimento na fachada, sendo o menor gasto sempre o pretendido pelo construtor.

4.1. Os edifícios Multifamiliares no Recife



Figura 55 - Edf. Acácia, 1985 – Torre, Recife.
Fonte: Google street view, 2021.

No ano de 1985, meados do pós modernismo, era construído no bairro da Torre, no Recife, o Edifício Acácia. Composto por dois blocos e 14 pavimentos, é possível observar os primórdios da estética reproduzida nos edifícios contemporâneos. As caixas de ar condicionado, sem nenhum volume ou reentrância complementar, estão localadas ao lado das janelas. Que por sua vez, produzidas em série com uma medida genérica estão simplesmente alocadas nos centros da parede da fachada do ambiente, como é o caso da

sala ou nos cantos, como é o caso dos quartos. Sua fachada frontal – voltada para a rua – é composta por uma empena cega, sacando alguns centímetros para proteger a janela de um dos quartos. O material que envolve a fachada é uma pintura na cor branca (Figura 55).

Já na edificação Studio Parque Prince, projetada por Pontual no ano de 1999, como o próprio nome já exprime, é um empreendimento composto por um quarto, uma sala integrada à cozinha e ao serviço e um banheiro. Essa tipologia de apartamento, chamada ora de studio, ora de kitnet ou ainda flats, é bastante comum nos dias atuais, principalmente devido a algumas mudanças de hábitos na vida dos usuários, como estudantes vindos do interior do estado, casais que vão morar juntos ou pessoas que vem de outras cidades e estados buscando uma moradia temporária. Diferente do exemplo anterior, o espaço reservado para o ar condicionado é locado abaixo das janelas e com uma reentrância, de maneira que a fachada permanecesse totalmente plana. O tratamento

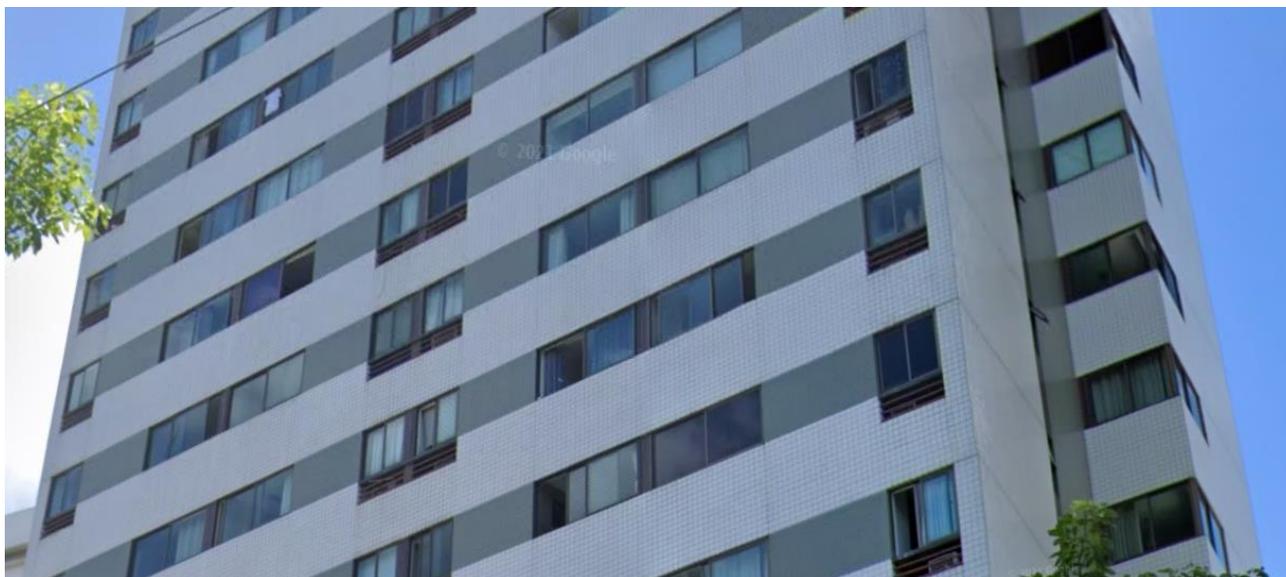


Figura 56 - Edf. Studio Parque Prince, 1999 – Pontual Arquitetos. Graças, Recife.
Fonte: google street view, 2021.

que as fachadas recebem, são marcações horizontais através de faixas de cerâmica branca, intercalando com fixas de cerâmica verde que demarcam a locação das janelas – que também são padronizadas (Figura 56).



Figura 57 - Edf. Millennium, 2001 – Pontual. Boa Viagem, Recife.
Fonte: Google Street view (2021, n.p.)

Também carregando a assinatura de Carlos Fernando Pontual, o edifício Millennium, projetado no ano de 2001 e localizado no bairro de Boa Viagem, apesar de possuir o revestimento e as cores replicadas nas maiorias dos prédios contemporâneos e as janelas também com medidas padronizadas, é perceptível a tentativa do arquiteto de apresentar soluções como o

avanço do volume dos quartos, permitindo que alcancem a vista para o mar, um pequeno saque na varanda, bem discreto mas deixando evidente que ali se encontra outro ambiente e cada volume marcado com cores diversificadas. As janelas da sala são em fita, a varanda adquire um pequeno saque para ressaltar que ali se encontra outro ambiente e com uma mudança de altura de peitoril (Figura 57).



Figura 58 - Edf. Morada Real da Torre, 2010 – Torre, Recife.
Fonte: Google Street View, 2019



Figura 59 - Edf. Maria Satye, 2013 – Gabriel Barcelar. Boa Viagem, Recife.
Fonte: Marona (s.d.)

O edifício Morada Real da Torre, do ano de 2010, carrega consigo as mesmas soluções de fachadas predominantemente planas, com as caixas de concreto para os ar condicionados locados nos quartos, as janelas em alumínio padronizadas, revestido de cerâmicas no tamanho 10cm x 10cm brancas, com algumas faixas de cinza e de vermelho, sendo esta última cor um diferencial (**Figura 59**).

Próximo à Via Mangue, edificado pela construtora Gabriel Bacelar no ano de 2013 está o Edifício Maria Satye. Com uma varanda complementada pela viga fazendo um leve arco é possível observar uma rasa ondulação na fachada. A mesma, revestida com cerâmicas 10 x 10 na cor cinza, o revestimento segue intercalando o trecho da varanda com o das janelas fazendo listrar cinzas e brancas ao longo da fachada principal, sendo estas multiplicadas para as outras faces do prédio (**Figura 58**).

No Edifício Privilege Jaqueira, construído pela incorporadora Ferreira Pinto no ano de 2018 e localizado no bairro da Tamarineira, Zona Norte do Recife, o edifício Privilege Jaqueira possui sua planta predominantemente quadrada, quase inteiramente plana exceto por uma reentrância que demarca a caixa de escada e o setor de serviço dos apartamentos. A solução para os ar condicionados, agora em prédios construídos recentes passa a ser uma laje para comportar a refrigeradora dos splits e não junto de cada janela alguma caixa locada na fachada ou uma. No caso em questão, a laje para esses equipamentos fica concentrada junto da área de serviço com uma grade de proteção no mesmo plano da fachada. Essa edificação fora projetada pelo escritório Pontual arquitetos, o que corrobora com a sua fala tendo em vista que as construtoras estão solicitando edificações com volumes menos recortados e preferencialmente quadrados (Figura 60).



Figura 60 - Edf. Privilege Jaqueira, 2018 - Pontual. Tamarineira, Recife.
Fonte: Acervo Pontual (s.d., n.p.)

4.2. As demandas e interesses do mercado imobiliário

O aumento da oferta dos itens adicionais de lazer como salão de festas, piscinas, cinemas e até academias ganham preeminência de forma tal que a metragem dos ambientes veio sendo calcada. São os equipamentos fornecidos pelo empreendimento, dentro e fora da área particular do usuário e a localização do edifício que vão influenciar na compra ou não do apartamento, e não se o mesmo possui brises, jardineiras, janelas recuadas ou armários embutidos. Esses elementos que colaboravam com a estética e com a climatização dos ambientes foram protegidos pois se tornavam custosos tanto para o investidor, quanto para o consumidor final que realizaria a compra. Portanto, diminuindo o poder de venda, diminui também o interesse por parte dos empreendedores de realizar determinadas soluções.

No entanto, é importante ressaltar também que a legislação de uso e ocupação do solo fora alterada no ano de 1983. No qual passou a computar como área construída as estruturas, ou soluções que sacavam do corpo do edifício – leia-se varandas, guarda roupa embutido, brises e etc. Num suposto exemplo, um apartamento moderno que possuía 80m² de área construída, mas com as varandas, armários e jardineiras sua área útil chegava a 100m² ou mais, era vendido como a área maior para o consumidor, sendo este um benefício para o mercado investidor e para o usuário. Quando que nos dias de hoje, se um projetista deseja colocar uma varanda fora -falar das metragens – e também engessando de certa aneira a solução volumétrica do edifício e a solução de planta.

5. ESTUDO COMPARATIVO: MODERNIDADE X ATUALIDADE

Diante do explicitado dos contextos da arquitetura moderna e contemporânea na cidade do Recife, e tendo em vista principalmente que se trata das mudanças entre as soluções funcionais e estéticas da arquitetura desses períodos, se faz necessário um comparativo mais profundo, apontando dessa vez as soluções comumente encontradas em um, e em outro.

5.1. Arranjos funcionais e estéticos



Figura 62 - Edf. Villa Cristina, 1978 - Wandenkolk Tinoco. Espinheiro, Recife.
Fonte: Freire (2011, n.p.)

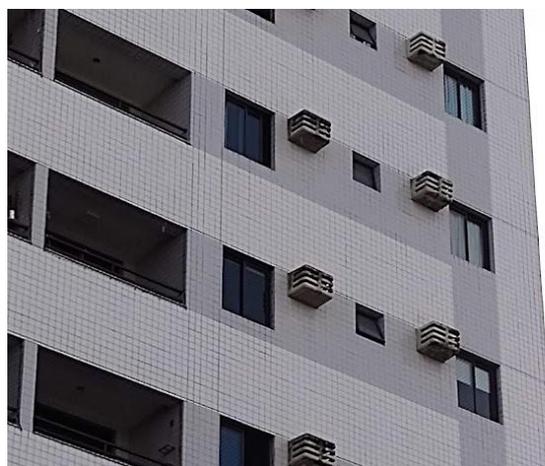


Figura 61 - Edf. Jaqueira Park, 2013 - Queiroz Galvão. Graças Recife.
Fonte: autora, 2021.

Na **Figura 62**, o Edifício Villa Cristina, projetado por Wandenkolk Tinoco, há um trabalho volumétrico minucioso com as reentrâncias geradas pelos volumes dos guarda-roupas na fachada. Percebe-se também uma continuidade desse volume de maneira horizontal ao longo do prédio, demarcando cada pavimento e gerando uma área para que ficassem escondidos o ar condicionado. Essa profundidade gerou também um espaço para jardineiras no peitoril das janelas. A locação das janelas recuadas auxilia como anteparo da insolação direta e ainda com proteção contra a chuva direta, sendo permitida a opção de mantê-las abertas para ventilação independente do tempo.

Em contraponto com o edifício projetado por Wandenkolk, localizado na mesma avenida Rosa e Silva, na Zona Norte do Recife, o Edifício Jaqueira Park, da Queiroz Galvão possui uma fachada completamente plana, apenas com aberturas das janelas e das varandas e as protuberâncias das caixas de ar condicionado. Quanto ao revestimento, duas cores foram as escolhidas, branco e cinza, fazendo um simples desenho como uma tentativa de demarcar o alinhamento das janelas, tanto horizontalmente como verticalmente (**Figura 61**).

O uso de brises para proteção das janelas é uma solução consagrada pelo arquiteto modernista Armando de Holanda no seu livro Roteiro para Construir no Nordeste, no qual ressalta ainda a lição de Le Corbusier em projetar aberturas externas com projeções e quebra-sóis, para que, abrigadas e sombreadas, possam permanecer abertas (HOLANDA, 2018, p. 29). O edifício quintal, como é chamado por Fernando Diniz (2011) de Wandenkolk Tinoco, pode ser um dos melhores exemplos de como o arquiteto conseguiu além de

utilizar o elemento como anteparo do sol, ainda adicionou a função de jardim aos brises (Figura 63 e Figura 64).

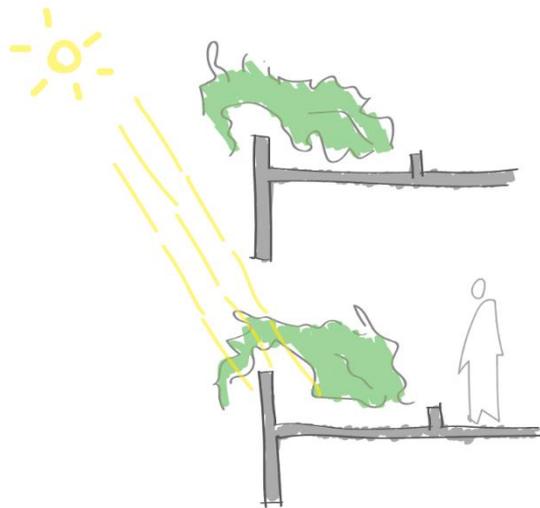


Figura 63 - Brises/jardim - Edf. Villa Mariana, 1976 - Wandenkolk Tinoco. Tamarineira, Recife. Fonte: autora, 2021.



Figura 64 - Edf. Villa Mariana, 1976 - Wandenkolk Tinoco. Tamarineira, Recife. Fonte: autora, 2021.

Outra solução também bastante utilizada foram as venezianas, elas são um atributo da região para a solução da ventilação. Eram usadas em portas de ambientes, de armários, esquadrias externas e das mais variadas maneiras. Em casos com as janelas desprotegidas, no modernismo ainda há a preocupação com a ventilação natural, como é o caso da **Figura 65** onde o peitoril das janelas é ventilado. Em alguns casos, como no Edifício Duque de Bragança há a possibilidade de fechar ou não essas aberturas dando ao

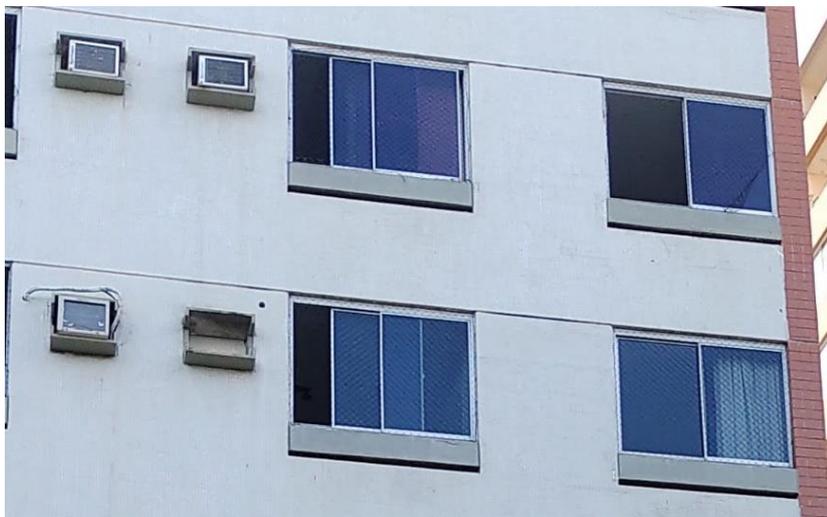


Figura 65 - Edf. Maria Augusta, 1979 – Graças, Recife.
Fonte: autora, 2021.

usuário total controle sobre o espaço. Atualmente, a solução utilizada caso haja chuva ou sol e o usuário queira manter o ambiente refrescado, é o uso do ar condicionado.

A chamada Escola Pernambucana, nomeada dessa forma a produção

arquitetônica moderna do estado por Carlos Fernando Pontual (2021), primava por duas coisas básicas, a poética e a ética. Essas condições vieram principalmente de Delfim e Borsoi que para além da produção arquitetônica desenvolviam e repassavam essa produção para os alunos da universidade.

Pontual ainda reitera que antigamente, Borsoi e Amorim eram os consultores dos legisladores, auxiliavam na elaboração de planos e de leis que permitiam maior ou menor liberdade projetual. Delfim, por exemplo, chegou a propor que os elementos ou pavimentos de cobertura não fossem computados como área construída para evitar que os prédios terminassem todos iguais, era uma espécie de “ganância positiva” (PONTUAL, 2021), tendo

em vista que os incorporadores ganhariam mais aquela área de venda e ainda estariam contribuindo com uma variedade estética.

O arquiteto afirma ainda que todos os projetos são feitos de osso e pele – numa associação com estrutura e fachada – onde com a atual legislação e exigências do mercado imobiliário, quando o osso é muito limitado, só resta trabalhar com a fachada. No caso da **Figura 67**, observa-se novamente essa planificação da fachada onde aparentemente só foi permitido realizar um trabalho bidimensional com cores variadas de cerâmicas. Esse jogo de cerâmicas também pode ser observado na **Figura 66**, mas dessa vez foi utilizado de maneira diferente, não demarcando a área das janelas, mas sim, desenvolvendo um desenho geométrico na fachada.

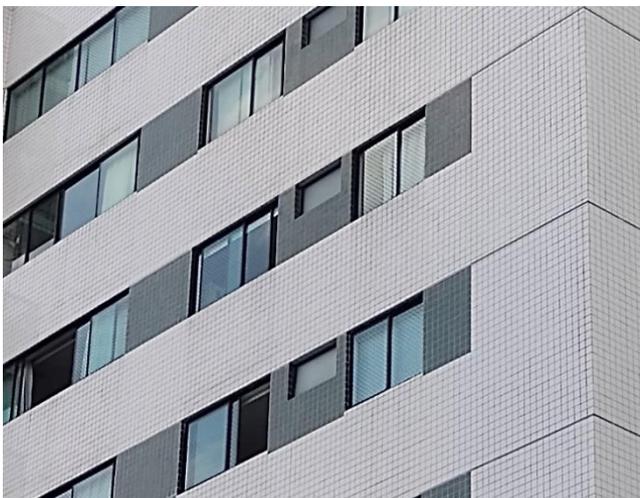


Figura 67 - Edf. Barão do Pirangi, 2007 - Graças, Recife.

Fonte: autora, 2021.

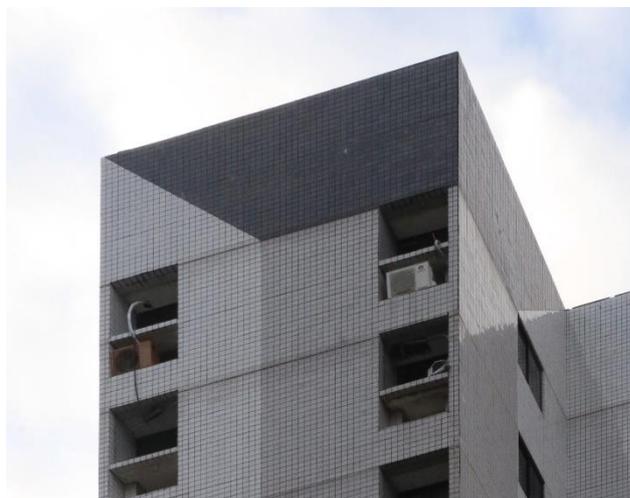


Figura 66 - Fachada Príncipe de Gales, 1991 - Parnamirim, Recife.

Fonte: autora, 2021

Outro fator ressaltado também por Pontual (2021) foram as limitações que algumas construtoras tem no momento da execução do edifício. Os pedidos para se colocar sempre uma boneca nas portas e janelas se dá muito para consertar possíveis erros de variações de medidas que podem haver entre um apartamento e outro, utilizando essa ferramenta como compensação, pois é mais barato realizar um complemento de parede do que cortar ou aumentar uma esquadria.

É importante ter em mente que além das mudanças de legislação e de exigências do mercado, o modo de vida do usuário também sofreu modificações. É possível observar esse conjunto de fatores nas plantas dos edifícios Barão do Rio Branco (1968) e Privilege Jaqueira (2018), possuidores de uma mesma forma básica, o quadrado, mas com 50 anos de diferença entre eles. O programa do primeiro exemplar, trata-se de um apartamento por andar, 4 quartos, sendo um suíte, sala de estar e jantar, varanda, cozinha e área de serviço com dois quartos e um banheiro, dentro de uma área de 222m². O segundo, trata-se de uma lâmina de quatro apartamentos por pavimento, com três quartos cada um, sendo um deles suíte, sala de jantar, estar, varanda e cozinha integrada com serviço, variando entre 69 e 70m² a unidade do imóvel; totalizando uma lâmina com certa de pouco mais de 300m² (Figura 68 e Figura 69).



Figura 68 - Planta baixa: Edf. Privilege Jaqueira
Fonte: Gabriel Bacelar



Figura 69 - PB: Edf. Barão do Rio Branco
Fonte: Amorim (s.d.)

Além da mudança do usuário, é possível perceber também conforme as necessidades do usuário sofreram modificações e passaram a usufruir de menores ambientes, as construtoras dispuseram dessas áreas menores acrescentando o número de apartamentos por pavimento. Outro fator evidente com a planta são as reentrâncias e saliências que a edificação revela. No primeiro caso, suas fachadas se tornam quase que planas por inteiro, já no segundo caso, as varandas são sacadas, bem como os closets e depósitos, sabe-se que o uso dessa solução se dá muito em conta pela legislação que era mais permissiva;

há uma demarcação do sistema de pilares, utilizando-os também como ferramenta estética, o que não é observado na edificação contemporânea.

Ainda assim, Pontual (2021) ressalta que apesar do rigor exigido nos projetos de arquitetura, ele acredita que os projetos contemporâneos contêm mais engenhosidade no sentido de exprimir as ideias do arquiteto, pois está mais difícil de projetar diante de tantas exigências e limitações. Diferentemente do modernismo, onde o arquiteto apesar das exigências dos setores imobiliário e legal, possuía mais liberdade e mais permissividade para criar.



Figura 70 - Edf. Bouganville
Fonte: Batista (2017, n.p.)

Além das janelas em fita ou detalhadas para determinado projeto, além da preocupação com a aeração e iluminação natural dos ambientes, outros elementos representativos do modernismo também deixaram de ser utilizados, como é o caso

do cobogó. Que poderiam vir com desenhos mais simplificados, como é o caso do Edifício Bouganville, no qual os cobogós foram utilizados como peitoril da varanda (Figura 70). Ou

ainda, com desenhos exclusivos como é o caso do Edifício União (Figura 71). Esses elementos normalmente eram utilizados nas áreas de alta insolação, pois fragmentavam a luz direta e ainda proporcionavam uma ventilação cruzada.

Outro fator que é levado em consideração é a variedade com que a arquitetura moderna conseguiu expressar, mesmo sob as mesmas circunstâncias de legislação e exigências dos usuários. Para tanto, além de ressaltar cada edifício e de apontar as soluções utilizadas por cada um, também se faz necessário

adicioná-las dentro do contexto da cidade, como faz o Guia da Arquitetura Moderna do Recife, no quarteirão à beira mar da Avenida Boa Viagem, entre as ruas Eduardo Wanderley Filho e Padre Carapuço (Figura 72).



Figura 71 - Edifício União - Escada

Fonte:

Os edifícios foram erguidos entre meados dos anos 1980 e o início dos anos 1990. Ambos com terrenos estreitos e compridos adotam a solução das áreas sociais locadas na frente, com vista para o mar, as áreas íntimas na lateral sul, trecho com maior ventilação ao longo do ano, e as áreas de serviço na face norte. Graças a isso é possível observar uma leitura, de certa maneira, uniforme, tendo em vista a predominância de marcações horizontais. Apesar disso, nota-se a tentativa de proporcionar ao volume mais



Figura 72 - Av. Boa Viagem entre nº 2486 e nº 2682
Fonte: Diniz (2016 , 123b)

dinamicidade e movimento através da variedade de revestimentos e cores, de varandas e jardineiras, do coroamento e até mesmo de volumes curvos.

Quando observado o edifício multifamiliar contemporâneo no contexto da cidade, apesar das variedades de necessidades – tendo em vista que que não foram selecionados prédios específicos – é perceptível de maneira mais intensa uma uniformidade entre os prédios. Levando em conta principalmente a padronização dos revestimentos, normalmente cerâmicas 10cm x 10cm na cor branca, com poucas variedades nas cores verde, azul e cinza. Mesmo possuindo formas diferentes, retangular, quadrada ou com o formato de olho, esses elementos não se sobressaem diante da mimese proporcionada pelos acabamentos (Figura 73).



Figura 73 - Vista do bairro da Torre/Madalenha
Fonte: autora, 2017

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa ressalta as qualidades e a importância das soluções arquitetônicas amplamente difundidas na arquitetura moderna, tomando como referência o conceito da arquitetura como arte de Lúcio Costa contido em BASTOS E ZEIN (2015), o surgimento e desenvolvimento da arquitetura moderna com BRUAND (2018), que ressalta a importância de Luiz Nunes como precursor dessa nova maneira de fazer a arquitetura, o qual desenvolvia sob os preceitos de Le Corbusier muitas de suas obras, mas conseguiu fundi-la a elementos regionais com o uso do cobogó. Com NASLAVSKY (2012), BORSOI (2006) e MENDES, VERÍSSIMO E BITTAR (2015), o contexto histórico e social no qual se desenvolvia a arquitetura moderna e as qualidades estéticas de importantes nomes do estado como Borsoi e Delfim.

Ao longo da pesquisa, foram exemplificados modelos de edificações modernistas consagrados por vários dos teóricos estudados, bem como apontada as soluções estético-funcionais utilizadas em cada uma. Com o fim desse período, é perceptível uma grande mudança nessas soluções ora estimadas, elas entram em desuso e uma padronização começa a se perpetuar pelas novas edificações, com isso, o problema da pesquisa buscou alcançar em que medidas as pressões do mercado imobiliário teriam ocasionado a simplificação, da plástica dos edifícios multifamiliares? A hipótese trabalhada foi que não só as pressões do mercado imobiliário por otimização de custos e prazos de construção numa tentativa de atender com maior celeridade as demandas por novas habitações, mas

também as mudanças na legislação e demanda exigida pelos usuários afetam a mudança estética das edificações.

Tendo em vista que o grande mérito da arquitetura pernambucana modernista, foi ter sido produzida sob o viés imobiliário (PONTUAL, 2021), foi compreendido que no momento atual, as pressões do mercado imobiliário pela economia, racionalização e agilidade na construção, é um grande fator que contribui para a simplificação plástica dos edifícios, no entanto, ela segue paralelamente a outra grande influência que foi a mudança da legislação de uso e ocupação do solo, do ano de 1967 para a de 1983, corroborando dessa forma para a confirmação da hipótese de que esses fatores contribuíram para o denominado descaminho estético que rumou a arquitetura contemporânea.

Sabendo dos custos adicionais de ser fazer reentrâncias e saliências, ou balanços em determinado projeto, Pontual (2021) ressalta que são esses elementos que vão agregar valor de venda, que é a partir deles pode-se chamar de arquitetura, quando a construção deixa de ser apenas um simples abrigo para atividades humanas, para satisfazer além da parte física, a emocional. A arquitetura torna-se um testemunho do ato criativo, empolgando e emocionando, se não, não é arquitetura, é uma simples construção. No entanto, Pontual afirma ainda que devido o seu histórico, o registro de muitas coisas produzidas, é muito mais fácil fazer uma proposta e a receber a aceitação das incorporadoras, pois sabendo que determinada solução funciona, tendo em vista que fora proposta em exemplares já edificadas. O que não acontece com os arquitetos mais jovens, eles não tem nenhum peso histórico para conseguir apontar algumas soluções, e para se

fazer uma arquitetura de qualidade e tentar burlar a pressão das construtoras para essa turma mais nova, é muito mais difícil.

Pontual (2021) segue afirmando que outro fator que contribui enormemente com todo esse contexto são os planos diretores ou planos e leis urbanísticas, eles têm se desenvolvido através de pessoas que não estão na prática, não tem experiência e nem entende como as coisas funcionam, o arquiteto que trabalha com esse setor deveria auxiliar e participar dessas discussões tal qual como eram convidados como consultores da prefeitura Amorim, Borsoi e Vital. No entanto “somos vistos pelo poder público como instrumento dos incorporadores e destruidores da cidade” (PONTUAL, 2021),

A exemplo de como a influência dos arquitetos na legislação foi importante foram os saques e varandas que não computavam na área total da construção, eram vistos como elemento de valor arquitetônico, a não computação das áreas de cobertura, para que o skyline dos edifícios se tornasse diversificado, a não computação do pavimento do pilotis se ele ocupasse até 20% da área da construção, permitindo uma maior permeabilidade visual. O arquiteto ressalta ainda que o país não tem a consciência de coletividade, não tem a consciência de qualidade coletiva. E isso é refletido em tudo, inclusive na arquitetura, o preço se sobressai à qualidade.

Diante do exposto, é possível afirmar que estamos vivendo num período transicional da arquitetura, onde muitas mudanças advindas do corpo social refletem na estética, principalmente por tentar impor ao arquiteto que se encaixe em moldes de custos e prazos, desvalorizando de certa maneira o fazer arquitetônico, desvalorizando também soluções

apontadas no modernismo como regionais e propícias para o clima, em contraponto À essa realidade, arquitetos como Jerônimo e Pontual seguem resistentes à algumas pressões do mercado tendo em vista o seu histórico que consegue bancar as suas propostas.

Como consideração final, compreende-se que o prestígio do arquiteto e da obra arquitetônica, ora dissimulados sob custos e prazos, deva ser modificado em breve, tendo em vista que nos encontramos numa fase de transição, tal qual acontecera com o barroco e o neoclássico, a art déco e a arquitetura moderna, etc.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. A. A. Jornal do Comércio. Recife em transformação: o primeiro passo para a verticalização do Recife, 2018. Disponível em: <http://especiais.jconline.ne10.uol.com.br/recifeemtransformacao/o-primeiro-passo-para-a-verticalizacao-do-recife/>. Acesso em: 30 maio 2021.

ANTIGAMENTE, R. D. Página do Facebook. Recife de Antigamente, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/recantigo/photos/3183546045119257>. Acesso em: 30 nov 2021.

BARROS, V. Viva Decora. O mestre do minimalismo na arquitetura: conheça a vida e obra de Mies Van der Rohe, 2018. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetos/mies-van-der-rohe/>. Acesso em: 30 maio 2021.

BASTOS, M. A.; ZEIN, R. V. Brasil: arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BATISTA, M. L. U. P. A significância do patrimônio moderno no bairro de Santo Antônio. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

BENÉVOLO, L. História da arquitetura moderna. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BONDUKI, N. Clássicos da Arquitetura: Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (Pedregulho) / Affonso Eduardo Reidy. Arch Daily Brasil, 2011. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-12832/classicos-da-arquitetura-conjunto-residencial-prefeito-mendes-de-moraes-pedregulho-affonso-eduardo-reidy/nabil-bonduki_7-copia. Acesso em: 18 nov 2021.

BORSOI, A. CONJUNTO INEZ ANDREAZZA. Acácio Gil Borsoi. Disponível em: <http://acaciogilborsoi.com.br/projetos-sociais/inez-andreazza/>. Acesso em: 01 dez 2021.

BORSOI, A. G. Acácio Gil Borsoi. Edifício União, s.d. Disponível em: <http://acaciogilborsoi.com.br/projetos/anos-50/edificio-uniao/>. Acesso em: 15 out 2021.

BORSOI, A. G. Acervo Acácio Gil Borsoi. Edifício Califórnia, s.d. Disponível em: <http://acaciogilborsoi.com.br/projetos/anos-50/edificio-california/>. Acesso em: 15 out 2021.

BRUAND, Y. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2018.

CAU-PA. Villa Savoye - Le Corbusier. CAU-PA, 2016. Disponível em: <https://www.caupa.gov.br/arquitetura-atemporal-de-le-corbusier-pode- virar-patrimonio-mundial/villa-savoye-le-corbusier/>. Acesso em: 30 maio 2021.

DINIZ, F. Vitruvius. O Edifício- quintal de Wandenkolk Tinoco, 2011. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/11.129/3749>. Acesso em: 30 set 2021.

DOCOMOCOMO. GUIA DA ARQUITETURA MODERNA NO RECIFE. Recife: Docomomo Brasil, 2016.

DURANTE, S. Enciclopédia Biográfica de Arquitetos Digital. [S.l.]: [s.n.], 2015.

FRACALOSSO, I. Clássicos da Arquitetura: Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães / Éolo Maia e Sylvio de Podestá. ArchDaily Brasil, 2011. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-15674/classicos-da-arquitetura-museu-de-mineralogia-professor-djalma-guimaraes-eolo-maia-e-sylvio-de-podesta>. Acesso em: 26 out 2021.

FRACALOSSO, I. ArchDaily. Clássicos da Arquitetura: Sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-378338/classicos-da-arquitetura-sede-da-associacao-brasileira-abi-irmaos-roberto>. Acesso em: 18 nov 2021.

GLOBO, O. A biografia do Palácio Capanema. **Jornal o globo**, 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/a-biografia-do-palacio-capanema-23114692>. Acesso em: 18 nov 2021.

GUIMARAENS, C. As casas dos arquitetos: Sedes do IAB nacional e regionais. **Vitruvius**, 2021. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.250/8020>. Acesso em: 25 nov 2021.

HOLANDA, A. D. Roteiro para Construir no Nordeste. Brasília : [s.n.], 2018.

IMOB., M. O caso Encol, grande lição. **Marketing Imob**, 2012. Disponível em: <http://www.marketingimob.com/2012/02/o-caso-encol-grande-licao-para-o.html>. Acesso em: 15 ago 2021.

JOBIM, L. Edifício Barão do Rio Branco - Delfim Amorim. MDC, 2011. Disponível em: <https://mdc.arq.br/2011/09/06/architettura-contemporanea-brasile-arquitetura-brasileira-entre-1957-e-2007/12-edificio-barao-do-rio-branco-delfim-amorim-e-heitor-maia-neto-recifepe-19651968/>. Acesso em: 30 nov 2021.

KON, N. Acervo Nelson Kon. Parque Guinle, s.d. Disponível em: <http://www.nelsonkon.com.br/parque-guinle/>. Acesso em: 18 nov 2021.

KUITERT, C. Ilhados na própria cidade: A vida em condomínios fechados na Barra da Tijuca. **Rio on Watch**, 2016. Disponível em: <https://rionwatch.org.br/?p=20622>. Acesso em: 09 set 2021.

LUCENA, F. História do Edifício A noite. **Diário do Rio**, 2015. Disponível em: <https://diariodorio.com/histria-do-edificio-a-noite/>. Acesso em: 30 maio 2021.

MAIA, T. Edifício Araguaia: O calvário de uma referência. Por Tota Maia. **Modulação**, 2016. Disponível em: <https://modulacao.wordpress.com/2017/02/07/edificio-araguaia-o-calvario-de-uma-referencia-por-tota-maia/>. Acesso em: 1 dez 2021.

MARONA, M. Maria Satye. Gabriel Bacelar, s.d. Disponível em: <https://www.gabrielbacelar.com.br/empreendimento/maria-satye-boa-viagem-recife-pe-apartamento-3-quartos-1-suite/>. Acesso em: 01 dez 2021.

MARTINELLI, C. P. Prédio Martinelli. História Prédio Martinelli, 2019. Disponível em: <http://www.prediomartinelli.com.br/historia/>. Acesso em: 30 maio 2021.

MENDES, F.; VERÍSSIMO, C.; BITTAR, W. Arquitetura no Brasil: de Deodoro a Figueiredo. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2015.

NASLAVSKY, G. Arquitetura moderna no Recife 1949-1972. Recife: E. da Rocha, 2012.

PEIXOTO, F. Fernando Peixoto. Fernando peixoto. Disponível em: <http://fernandopeixoto.weebly.com/projetos-residencias.html>. Acesso em: 01 dez 2021.

PEREIRA, M. ArchDaily. Clássicos da Arquitetura: Edifício Esther / Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho., 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/888147/classicos-da-arquitetura-edificio-esther-alvoro-vital-brasil-e-adhemar-marinho>. Acesso em: 24 maio 2021.

PEREIRA, M. ArchDaily. Roteiro de 5 projetos de Affonso Eduardo Reidy para visitar no Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/903975/roteiro-de-5-projetos-de-affonso-eduardo-reidy-para-visitar-no-rio-de-janeiro>. Acesso em: 5 outubro 2021.

PERNAMBUCO, D. D. Diário de Pernambuco. Edifício Califórnia, em Boa Viagem, é marco de resistência, 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/05/edificio-california-em-boa-viagem-e-marco-de-resistencia.html>. Acesso em: 23 nov 2021.

PIRES, M. L. Edf. Casa Alta. Flickr, 2016. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/mlaurapirez/39698115540/in/photolist-cvYePA-CLwzp9-Jkg5vC-23tZdFW-JnucU7-dTrZA3/>. Acesso em: 04 dez. 2021.

PROJETO, R. Fernando Peixoto: Todas as cores baianas. Revista Projeto, 2020. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/fernando-peixoto-todas-as-cores-baianas/>. Acesso em: 23 nov 2021.

